
Na Pindahyba



Aricélia Cantanhêde Sales

PESQUISA E TEXTO
Aricélia Cantanhêde Sales

REVISÃO TEXTUAL
Raymara Nunes Cantanhêde

FOTOGRAFIAS
Aricélia Cantanhêde Sales
Branco Melo
Werbeth Alves

Acervo Particular da Família Ribeiro
Acervo da Escola de Samba Flôr de Mangueira
Acervo do grupo de Tambor de Crioula Raízes Africanas
Acervo do grupo de Tambor de Crioula União de São Benedito
Acervo do grupo de Bumba meu Boi de Mauricia
Acervo do grupo de Bumba meu boi Encanto de Central
Acervo do grupo do Bumba meu boi Estrela de Central

Sales, Aricélia Cantanhede.

“Na Pindahyba” / Aricélia Cantanhede Sales. – São Luís, 2022.

60f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Um patrimônio esquecido: a Usina Joaquim Antônio Vianna e a Educação patrimonial em Central do Maranhão.”

Orientação do Prof. Dr. Eloy Barbosa de Abreu.

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3. Central do Maranhão. 4. Engenho de Açúcar. I.Título.

CDU 94(812.1CENTRAL MARANHÃO)(02)

Apresentação

Pindahyba ou Pindaíba era o nome da fazenda do senhor Joaquim Antônio Vianna. O local onde situava-se a fazenda pindahyba, originou tempos depois o povoado "Usina Joaquim Antônio", chamado assim devido à existência do antigo engenho de açúcar criado pelo próprio Joaquim Antonio nestas terras. Em 1994, esse povoado se emancipou politicamente, fazendo surgir, o município de Central do Maranhão.

Apresentamos a seguir aspectos históricos resultantes do processo de investigação iniciado em 2009 com objetivo de levantar informações sobre a história do Engenho e Usina Joaquim Antônio Vianna, sobre o processo de produção, transporte e venda do açúcar produzido neste local. Buscamos também conhecer um pouco mais da história do Capitão Joaquim Antônio, sua família e as pessoas que estiveram no comando do Engenho e Usina ao longo de sua existência.

Foram realizadas consultas em documentos, levantamentos bibliográficos, iconográficos e cartográficos. Também se realizou entrevistas com pessoas da comunidade, conversas informais, diálogos em comunidades sociais digitais e registros fotográficos.

Um dos resultados deste trabalho de pesquisa é este livreto, que tem a função de contribuir para a valorização do Patrimônio cultural local.

**Tamarineria Centenária da
Comunidade Quilombola de
Monte Cristo, Localizada em
Central do Maranhão. Foto:
SALES, 2018.**

Sumário

- **Localização.....05**
- **Joaquim Antônio Vianna & Família.....07**
- **Quem esteve no comando ?.....10**
- **A Estrutura do Engenho.....14**
- **O Trabalho no Engenho e Usina de Joaquim Antônio Vianna.....16**
- **As Fazendas vizinhas17**
- **A Produção.....23**
- **As Quitandas e a Feira Regional27**
- **Galeria Ontem & Hoje.....31**
- **De povoado "Usina Joaquim Antonio" para Município " Central do maranhão".....33**
- **Você sabia?.....36**

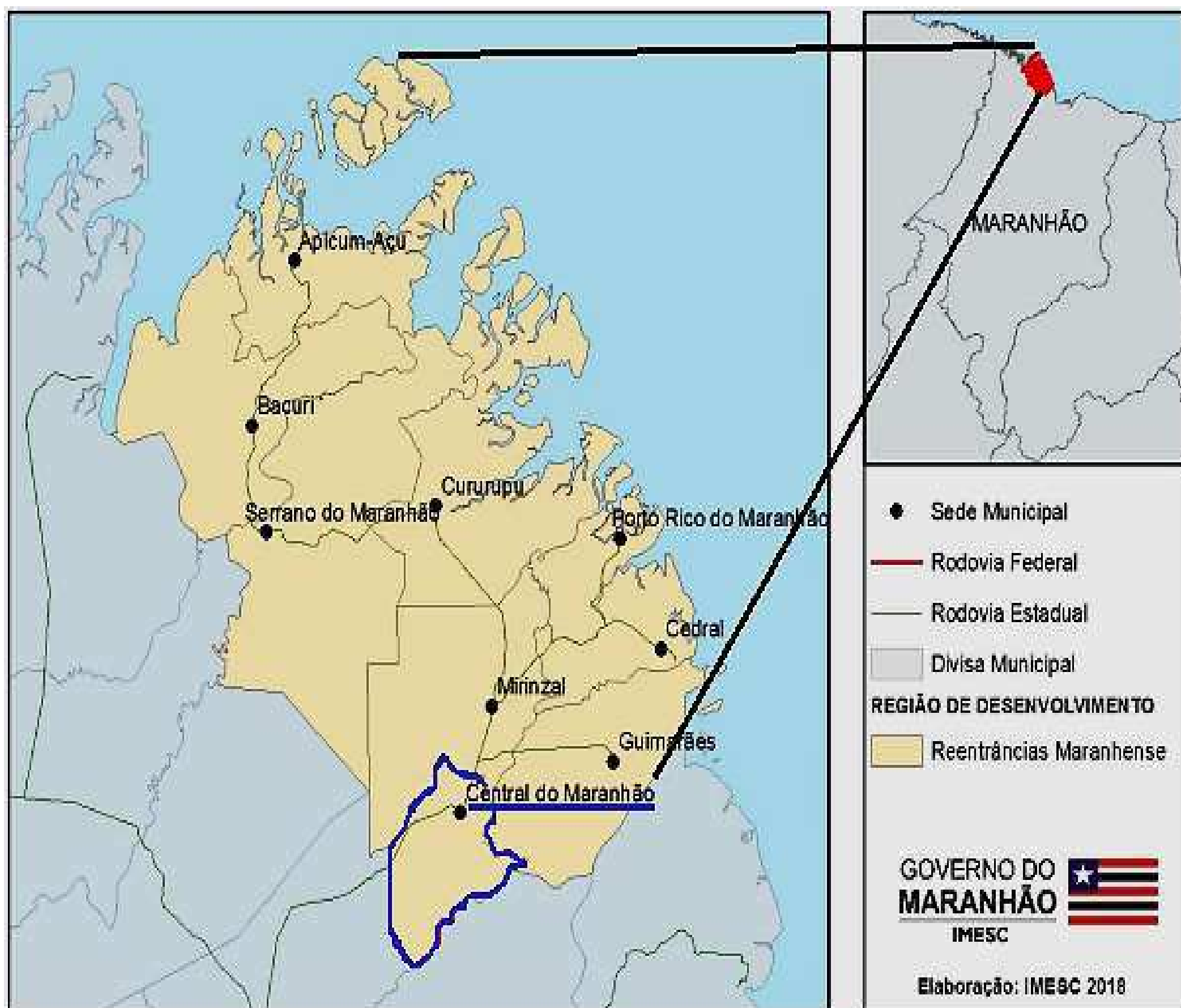
REFERÊNCIAS

COMPLEMENTOS

- **Mapa animado**
- **Para saber Mais!**
- **Registros Visuais**
- **A Nossa Diversidade centralense**
- **Jogos**

Área onde ocorre a Feira Regional de Central do Maranhão. Foto: SALES, 2020.

Localização



Fonte: **IMESC, 2018. Material adaptado pelo autor.**

As ruínas da Usina Joaquim Antônio estão situadas no município de Central do Maranhão, região que até o início da década de 1960 correspondia ao território de Guimarães, e posteriormente ao de Mirinzal (região vizinha ao local da pesquisa). Geograficamente, o município de Central do Maranhão/MA localiza-se na Mesorregião do Litoral Ocidental Maranhense, com aproximadamente 7.887 habitantes, dados do último CENSO do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, e estimativa de 8.806 habitantes em 2021¹.

¹Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/ma/central-do-maranhao/>. Acesso em : abr. 2021.

**Chaminé do antigo
engenho(Vista de baixo).
Foto: SALES, 2012.**



Joaquim Antônio Vianna & Família

A princípio vamos abordar um pouco sobre a história do Capitão Joaquim Antônio Vianna que foi um destacado dono de terras e senhor de engenho da região de Guimarães

Ainda muito jovem, Joaquim Antônio Vianna foi enviado provavelmente, pelos seus pais para estudar na Europa, mais precisamente na Holanda, uma prática bastante comum, pois muitas famílias que possuíam alto poder aquisitivo mandavam seus filhos para estudarem fora do país com o objetivo de darem continuidade em sua formação educacional visando em muitos casos, a qualificação necessária para o desenvolvimento dos empreendimentos familiares. Desse modo, Joaquim graduou-se Bacharel em Engenharia Hidráulica, formação esta que lhe ajudou mais tarde a tocar seu engenho de açúcar.

Após sua chegada em terras brasileiras instalou-se nas redondezas de Guimarães onde fundou a fazenda chamada de Pindahyba, e nela construiu um Engenho de Açúcar Hidráulico (engenho que funcionava a base de um maquinário movido por forças da água) , essa água chegava ao seu engenho por meio de canais fluviais que ele mesmo projetou e mandou construir, assim como também as demais edificações ainda existentes do complexo histórico se utilizando para isso da força de trabalho do negro escravizado.

Com base nas informações encontradas, Joaquim Antônio Vianna tornou-se juntamente com os Coroneis Antônio Onofre Ribeiro e Torquato Coelho de Souza e José Coelho de Souza um dos produtores pioneiros nestas terras², na implantação da cultura do arado³(técnica utilizada na preparação das terras) para o cultivo da cana de açúcar.

O ano de criação de sua fazenda ainda é desconhecido, assim como também o ano em que começou a funcionar o seu Engenho Hidráulico. Mas, segundo os registros encontrados em Almanques e Jornais que circulavam na época como: *O Diário do Maranhão*; *O Progresso*; e *O Jornal do Comércio*, já em 1856 o engenho já estava em pleno funcionamento produzindo açúcar que era enviado para São Luís por meio de embarcações. Com base nessa informação, acredita-se que a chegada de Joaquim Antônio Vianna da Europa, bem como a instalação da fazenda e início das construções do engenho

² Almanaque Administrativo, Industrial e Mercantil do Maranhão. 1861, p.97-98.

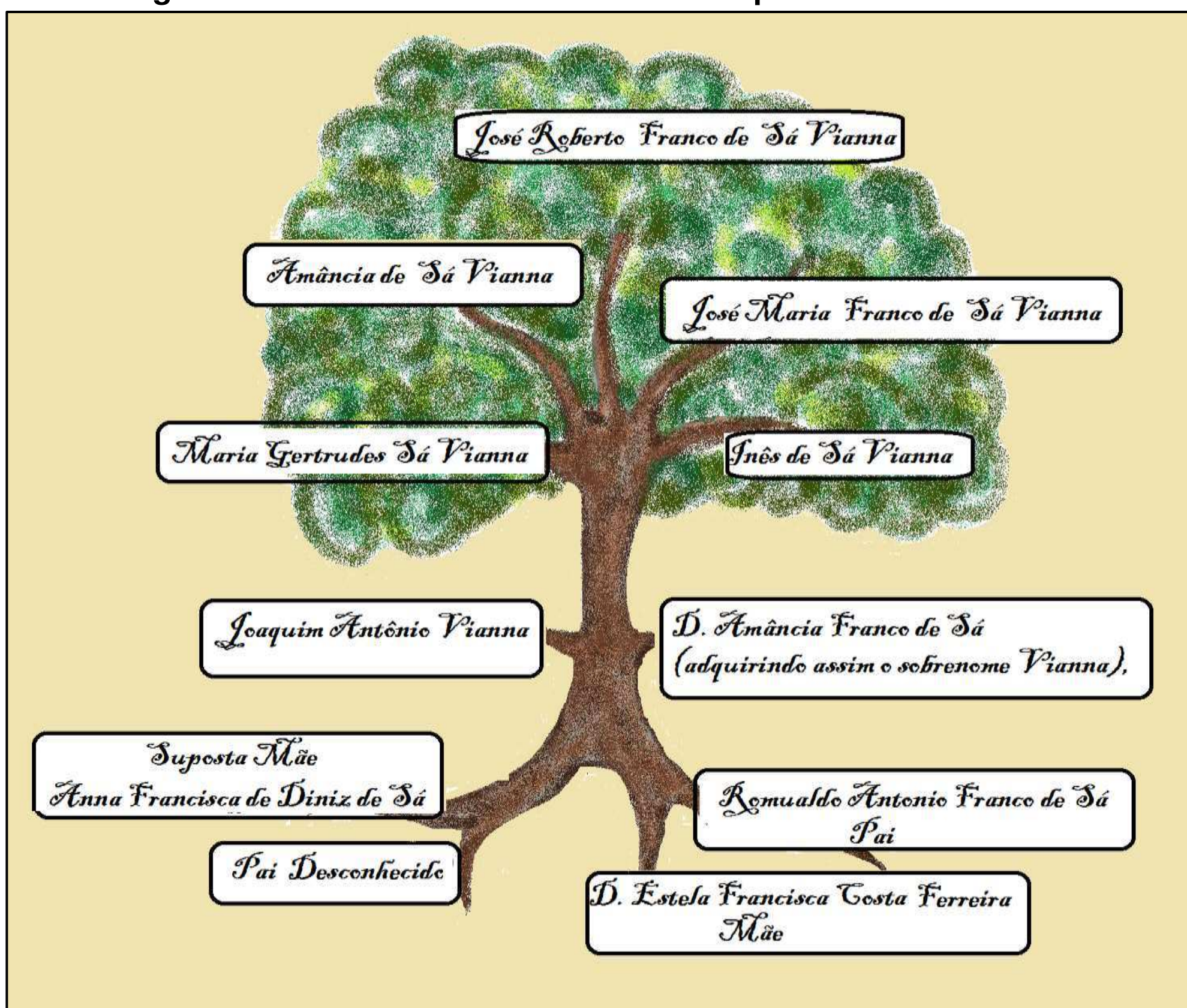
³ *O Jornal do Comércio* 1860, ed.0049 p.02

(datam) tenha acontecido ainda na primeira metade do Séc. XIX.

Ainda a respeito de Joaquim Antônio Vianna, infelizmente, sabe-se muito pouco sobre sua origem familiar (pais). Entretanto, as pesquisas documentais realizadas nos direcionam para Anna Francisca de Diniz de Sá (Senhora do Engenho Perizinho) como possível mãe de Joaquim Antônio, enquanto ao pai, não se tem pistas.

Em relação ao seu laço matrimonial, de acordo com os registros, Joaquim Antônio Vianna casou-se com D. Amância Franco de Sá, esta fazia parte de uma importante família Alcantareense (os Francos de Sá). Acreditamos que os pais do Capitão Joaquim Antônio Vianna e os de D. Amância Franco de Sá Vianna, sejam de uma mesma família, e estes possivelmente eram primos, já que era costumeiro naquela época até como forma de estratégias políticas casamentos arranjados entre pessoas com grau de parentesco.

Genealogia da Família de Joaquim Antônio Vianna.



Fonte: Representação criada pelo autor com base em dados da pesquisa e uso de ferramentas gráficas digitais(SALES, 2022).

**Detalhe superior da Chaminé
do antigo Engenho Joaquim
Antônio Vianna .
Foto: Branco Melo, 2021.**



Quem esteve no comando?

Durante toda a existência e funcionamento até o ano de 1965, o Engenho e Usina passou por vários administradores. Acredita-se que o início das atividades produtivas do Engenho Hidráulico de Joaquim Antônio se deu no período de 1854 ou 1855, e possivelmente, antes deste período já existia a sua fazenda.

Joaquim Antônio Vianna comandou a produção do engenho desde sua criação até seu falecimento em 1868. A partir de então sua esposa D. Amância Franco de Sá Vianna toma a frente do negócio. Anos mais tarde, após retornar da Europa, já nos anos de 1880, um de seus filhos, o José Roberto de Sá Vianna, se junta à mãe na administração do engenho.

A essa altura a produtividade já não era a mesma, sem falar que estavam às vésperas da Abolição da escravatura no Brasil (1888), fato que abalou todas as propriedades produtivas que faziam uso da mão-de-obra escravizada.

Em 1889, D. Amância falece aos 61 anos de idade. Três anos depois, o engenho é vendido para a Companhia de Melhoramentos Agrícolas (tipo de sociedade comercial). Acreditamos que é neste momento que ocorre a transição (mudança de Engenho para Usina Joaquim Antônio Vianna), por meio do processo de modernização de sua estrutura física.

Em 1896, a firma comercial (tipo de sociedade econômica entre empresários) *Maia, Silva & Belford*, representada pelos senhores Raimundo Joaquim Ewerton Maia, Antônio Joaquim da Silva e Cesar Augusto Belfort, compram as fazendas de lavoura: Pindahyba, Itabyra, Campinho e Guajajara.

Outra firma que fez parte do processo de Administração do Engenho foi a "*Vieira & Leite*", da qual faziam parte o Coronel Manoel Ignácio Dias Viera e o Coronel Antônio Joaquim da Silva (Coronel Silva). Esta firma teria realizado a compra dos engenhos da Firma Maia, Silva & Belfort que havia sido desfeita em 1897. E, desta forma, tomando a administração das propriedades adquiridas, dentre elas a Usina Joaquim Antônio e fazenda Pindahyba. Os negócios destas firmas eram administrados pelos irmãos Francisco Antônio de Viveiros e Alexandre José de Viveiros.

Em 1911, houve novamente a compra da Usina pela firma *Vieira & Viveiros* na qual fazia parte os Irmãos Viveiros (Francisco Antônio de Viveiros e pelo coronel Alexandre José de Viveiros), para cujo empreendimento, o Governo Estadual na época, tendo como governador Dr. Luís Antônio Domingos da Silva emprestou 300 contos de réis. Como a morte do irmão, Alexandre José de Viveiros assume o posto de Gerente e realiza neste mesmo período a compra de novos maquinários junto a empresa Norte Americana "The Bahmann Iron Works Cº", visando a modernização do refino do açúcar e aumento de sua produção.

Esse período de gerenciamento de Alexandre José de Viveiros é marcado por uma fase sucessiva de realização de empréstimos que tinham como objetivo reestabelecer a produção da Usina. Porém, em 1924, como consequência dos empréstimos obtidos, tem-se a apropriação da Usina pelo Estado devido à acumulação dos impostos e débitos que este continha com a Instituição.

Estando a Usina de posse do Estado no ano de em 1925, teria este, a vendido para outra firma na qual participavam os deputados Carlos Neves e Augusto Almeida, em uma negociação sigilosa pelo então Governador Godofredo Viana, onde foi constatado que o preço da venda era muito abaixo do que realmente seria o valor do empreendimento. Essa negociação rendeu inúmeras matérias críticas em jornais que circulavam na época a exemplo do "*O Combate*". E, por fim, em 1929 ocorre a compra da referida Usina pelo Sr. Abelardo da Silva Ribeiro que na época residia em São Luís, na Rua Antônio Rayol.

O Sr. Aberlardo da Silva Ribeiro era um dos quatro filhos do Coronel Sirino Dias Ribeiro com a D. Antônia Florinda de Azevedo Ribeiro. Deste matrimônio tiveram como filhos: Walber Azevedo Ribeiro, Camélia de Azevedo Ribeiro, Violeta de Azevedo Ribeiro e Emanuel da Silva Ribeiro (Seu Mano). Este último é que tomara a direção da propriedade da família após a morte do pai (Abelardo).

Abelardo da Silva Riberio era o administrador por excelência, conduziu a Usina Joaquim Antônio (*Usina Joaquim Antônio Ltda*) e a Quitanda que era um estabelecimento comercial atrelado à Usina Gerenciada pelo Sr. Januário Alves de Oliveira, cuja designação industrial localizamos como *J. Quitandas & Cia* (que acreditamos ser Januário Quitanda & Cia).

De acordo com a memória coletiva, a Usina encerrou a produção de açúcar em 1962, permanecendo por mais três anos produzindo apenas aguardente (cachaça).

Segundo a pesquisadora Deusaliza da Silva Melo Cutrim (1998), após o falecimento de Abelardo Ribeiro, houve uma drástica queda na produção da Usina, ficando os filhos responsáveis pela reestruturação da fazenda, dentre eles Emanuel Ribeiro (Sr. Mano). Entretanto, depois de algum tempo parada, sem produzir o principal produto (o açúcar), e ficando somente com a produção de aguardente, seu funcionamento foi totalmente encerrado por volta de 1965, fato que levou os administradores/responsáveis a desmontarem e venderem a estrutura de máquinas da usina/engenho para outros proprietários de engenho em outro estado.

Colunas do antigo engenho (Efeito fosco).

Foto: SALES, 2012



A Estrutura do Engenho

A primeira forma de estrutura funcional da usina foi a hidráulica, que funcionava por meio da utilização de um canal que interligava a usina ao açude, sendo que este tinha como funções; conduzir água para mover o maquinário, contribuir para o processo de produção e irrigação do canavial e facilitar o transporte fluvial de mercadorias por meio de embarcações de pequeno porte, como por exemplo, as canoas.

O **Açude** possuía área de grande capacidade de armazenamento de água, a qual seguia alimentada por nascentes constantes. Sua estrutura é interligada ao edifício da Usina por um canal de 2 quilômetros de comprimento e 6 metros de largura e 1 metro de profundidade, com nível constante de 5,70 altura. Volume da água suficiente a uma turbina hidráulica de 85 cavalos de força⁴.

As **Terras** da propriedade tinham abrangência de 8.496 hectares. Já em relação a estrutura do edifício da Usina esta foi construída a base de pedras, cal, tijolos e era coberta por telhas. e com áreas encimentadas.

O **Maquinário** era composto por caldeiras, tubulações e outros maquinismos de fabricação no exterior. Fazendo parte ainda do conjunto de peças do maquinário, a usina possuía 10 vagões, cada um com capacidade de abranger uma carrada de cana, para além disso, esses vagões eram puxados por bois através de trilhos.

Os **trilhos** eram usados nas áreas mais planas do canavial, e por meio deles, corriam **vagões** puxados por bois. Estes vagões conduziam a cana desde o canavial até a entrada na casa de engenho. Assim ocorria na época da colheita nos lugares chamados "*Santo Antônio*" e "*Embaubal*" que eram áreas de cultivo localizadas no atual bairro Colônia⁵.

Já nas lavouras de cana mais distantes como: *Lago*, *Raposa*, *Concordia* ou *Estiva*, a cana era transportada até o Engenho por meio dos carros de boi . A fábrica possuía **12 carros de boi** ⁶, que faziam esse serviço, além de uma criação de "**gado carreiro**"⁷.

⁴ Jornal "*O Combate*" de 1925, Ed. p.01.

⁵ Relatos de ex-funcionários da Usina Joaquim Antônio Vianna.

⁶ Os carros de boi são estruturas de transporte feitos em madeira conduzidos por animais (bois) na realização de trabalhos como transportes de cargas. Nos dias de hoje, ainda é possível observar o uso deste meio de transporte em cidades do Litoral Ocidental Maranhense.

⁷ Idem.



**Vestígios de telhas encontradas na área das ruínas do antigo engenho.
Foto: SALES, 2012.**

O Trabalho no Engenho e Usina

A primeira forma de trabalho existente no Engenho de Joaquim Antônio Viana, assim como nos outros engenhos da região foi a escravidão. O uso da mão- de- obra do negro escravizado ergueu grandes edificações e fez movimentar pesados maquinários, além da froça bruta empregada nos canaviais.

A abolição da escravatura afetou drasticamente toda uma conjuntura escravocrata enraizada nas fazendas e engenhos. E, diante desse acontecimento, muitos engenhos e propriedades rurais foram deixados para trás por seus donos. Outros, como foi o caso da Usina Joaquim Antônio Vianna superaram a fase adotando o sistema de assalariamento. Neste sistema as relações com o dono da terra passava a ter outras configurações, à exemplo do Foro⁸.

Segundo Santos (2006) na Usina Joaquim Antônio, após este período, além dos trabalhadores assalariados, também houve aqueles que passaram a trabalhar produzindo por conta própria. O autor destaca ainda que, muitos ex-escravos foram reintegrados ao trabalho como assalariados.

O Trabalho no engenho englobava uma grande quantidade de pessoas. Envolveria crianças, mulheres e homens na execução de tarefas ligadas à seleção de mudas, plantio, corte, condução da cana, transporte da palha, o próprio fabrico do açúcar, manipulação das máquinas, condução do açúcar, dentre outros.

Com a implantação do sistema de assalariamento, a circulação da moeda no lugar impulsionou a surgimento de uma feira⁹. Esta feira iniciava no mesmo período em que ocorriam os pagamentos dos salários, ou seja, no sábado à tarde. E, segundo relatos de moradores mais antigos, tinha continuidade no domingo, que era o dia da folga do trabalahdores da Usina.

A feira cresceu e se tornou uma grande **Feira de importância Regional**. Atualmente, sua realização se dá apenas aos domingos pela manhã.

⁸ Quantia paga periodicamente pelo foreiro como condição de uso da porção de terras concedida pelo proprietário (fazendeiro) para que o mesmo pudesse cultivar gêneros alimentícios. A contrapartida (foro) é pago de acordo com a quantidade de sacas ou peneiros obtidos no final da produção.

As fazendas vizinhas

Dentre as propriedades vizinhas, destacamos:

Campinho- Pertencia à José Daniel Gomes de Castro, e nela continha um engenho movido por animais.

Guajajara- Nela existia fazenda e um engenho de açúcar.

Murituba/Mutituba- Era propriedade do Coronel Antônio Onofre Ribeiro .Neste lugar existiu um engenho de açúcar movido a água .

Timbó- Existiu neste lugar um engenho movido por animais de propriedade do Tenete Coronel Antonio Praxedes Cordeiro.

Flechal- Neste lugar existiu um engenho de açúcar movido a água de propriedade do Coronel José Coelho de Souza e Sobrinho.

Colônia - Oficialmente **Colônia Santa Izabel**, atualmente território de Mirinzal. Era propriedade do Coronel Torquato Coelho de Sousa.

Mondego- Engenho movido por animais de propriedade do Major Francisco Coelho de Souza.

Concordia- Engenho movido por animais de propriedade do Capitão Joaquim Lionilio da Costa Santos e Fazenda de propriedade de João Lucas da Costa

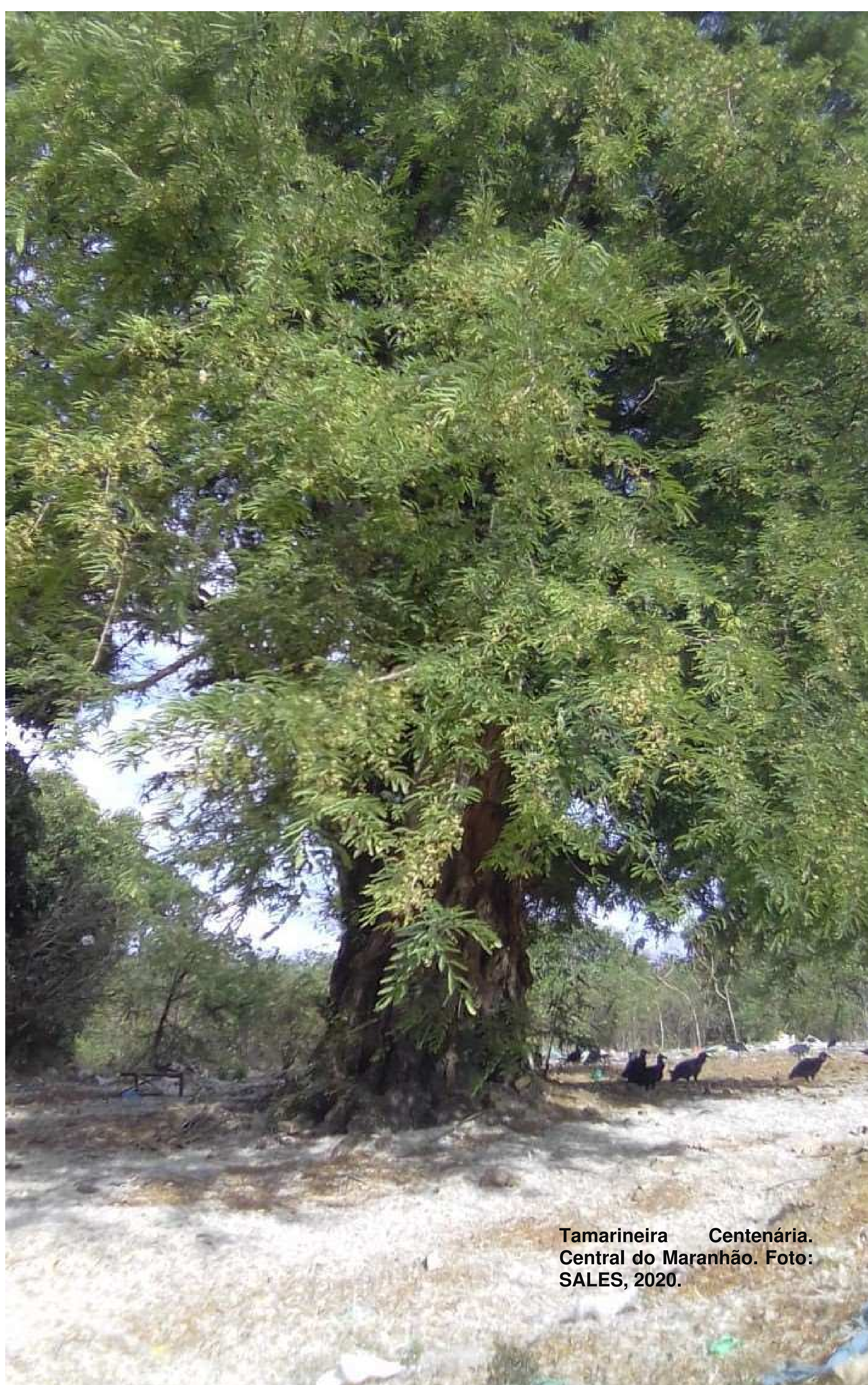
Floresta - Engenho movido por animais de propriedade de José Lucas da Costa

Santana- Engenhos movidos por animais de propriedade de João Eugênio da Costa e Capitão João Fausto da Costa.

Jetahizal-Também identificada como **Jutaizal**. Neste lugar existiu um engenho de açúcar movido a água de propriedade do Comendador Joaquim Mariano Franco de Sá.

Monte Caseros -- Engenhos movidos por animais – propriedades de Capitão Antônio Correa de Azevedo Coutinho e Manoel de Azevedo.

Santa Maria- Engenhos movidos por animais de propriedade de D Agostina Moreira Guerra e Dr. Agostinho Moreira Guerra Junior. E, Fazenda de produção de gêneros de propriedade de Casemiro Dias Vieira.



**Tamarineira Centenária.
Central do Maranhão. Foto:
SALES, 2020.**

Monte Cristo- Engenho movido por animais de propriedade do Tenente Coronel Theodoro José da Silva Gama Junior e Engenho movido por animais de propriedade de D. Maria Archargela da Silva Quintanilha.

Monte Carmo- Engenho movido por animais de propriedade Manoel de Azevedo

Lago- Engenho movido por animais e Fazenda de produção de gêneros (algodão, gomme farinha e outros) de propriedade de Manoel Inagnácio Dias Vieira

Queluz- propriedade do Tenente Antonio João de Azevedo, onde existiu um Engenho movido por animais.

São Raimundo- Área de Fazenda e casa de vivência.

Lugares como : **Bizal, São Francisco e Itabyra** foram identificadas apenas como fazendas.

No lugar popularmente conhecido como "Pillar" encontramos indícios que nos levam a acreditar, que poderia ter existido ali também uma fazenda. E, juntamente a esta, uma pequena capela dedicada à "Nossa Senhora do Pillar" . Esta, acreditamos ter existido provavelmente no mesmo local onde ainda nos dias de hoje existe o "**Cemitério do Pillar**".

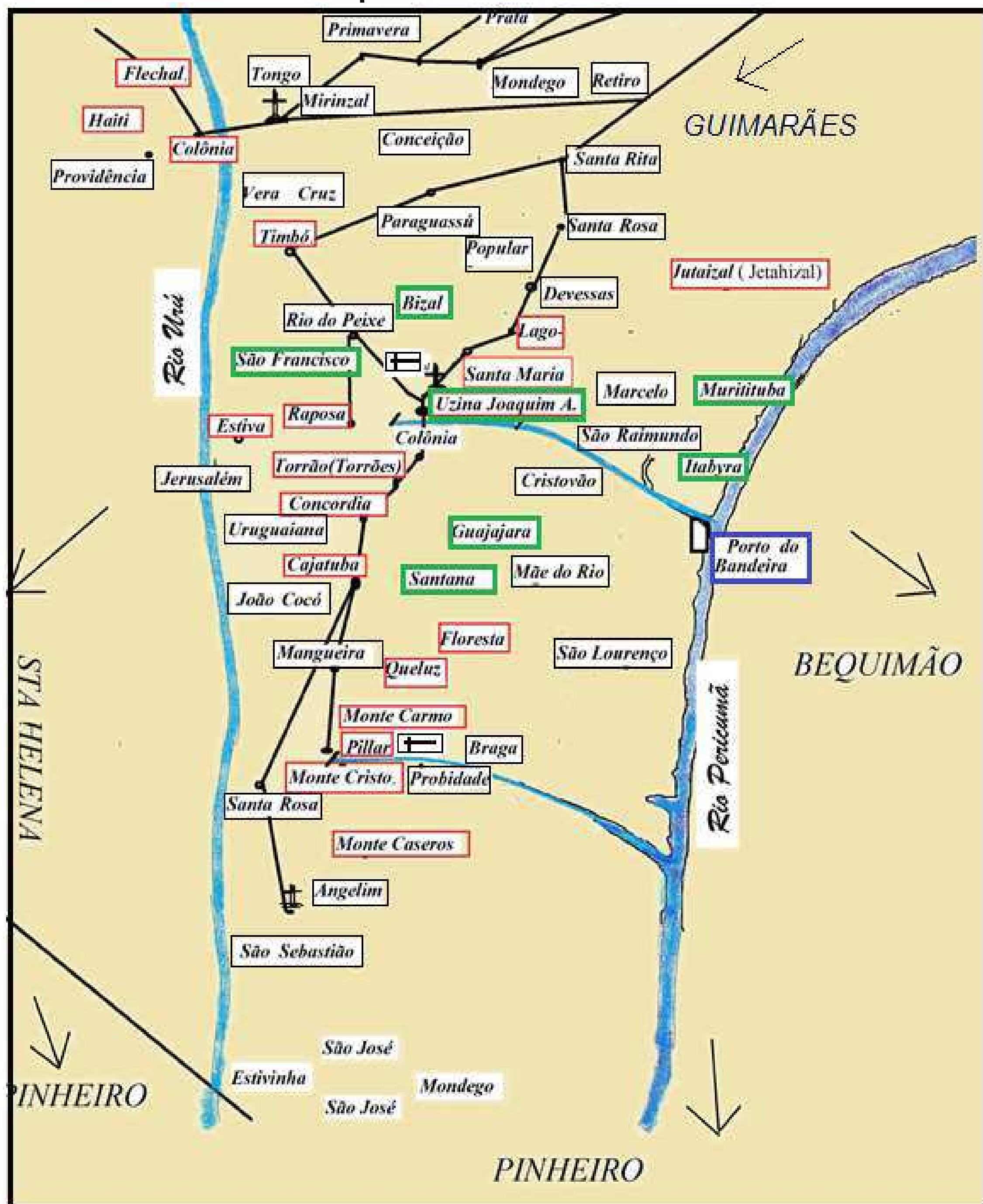
Outros locais frequentemente mencionados pela comunidade, por terem se originado no lugar fazendas, são: **Torrão** ou Torrões, **Cajatuba** , **João Cocó e Santa Rosa**. Hoje, alguns destes lugares se tornaram povoados, e outros simplesmente foram deixados.



Árvore antiga e, de referência simbólica para a Comunidade de Uruguaiana. Localizada logo na entrada do Ramal para a comunidade de João Cocó. Foto: SALES, 2022.

No período de 1911 a 1917, a Usina Joaquim Antônio estava sob a Administração dos irmãos Francisco Antônio de Viveiros e Alexandre José de Viveiros, por meio da Companhia Geral de Melhoramentos do Maranhão. Neste período outras propriedades foram "adquiridas" e "anexadas" ao território da fazenda Pindahyba, citamos: terras da fazenda Campinho, Itabyra, Guajajara, Santana e porções de terras nas sesmarias de Muritituba, Bizal e São Francisco. Esse conjunto totalizava uma área de 8.496 hectares, formando um grande complexo produtivo. Estas propriedades eram fornecedoras de matérias-primas como a cana e a lenha, necessárias para o funcionamento da Usina Joaquim Antônio, e também para a produção de gêneros alimentícios.

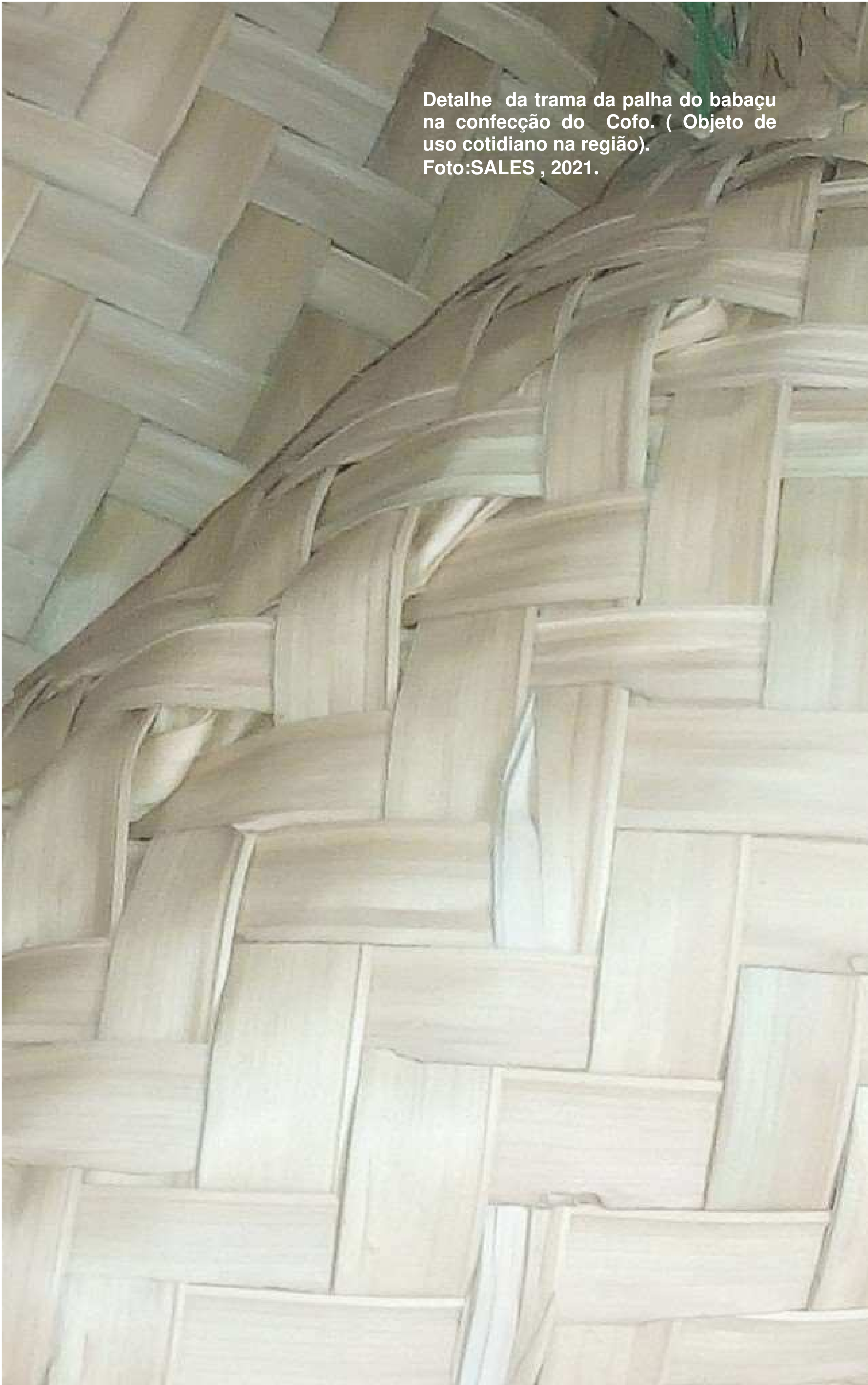
Reprodução gráfica das propriedades próximas da Usina de Joaquim Antônio Vianna.



LEGENDAS

- Fazendas do complexo produtivo da Usina Joaquim Antônio 1911-1917 (CGCMMMA)
- Fazendas citadas em entrevistas ou em referências bibliográficas
- Outros Lugares citados em entrevistas ou referências bibliográficas
- Porto do Bandeira
- Estrada
- + Capela
- + Cemitério

Detalhe da trama da palha do babaçu
na confecção do Cofó. (Objeto de
uso cotidiano na região).
Foto:SALES , 2021.



A Produção

Em 1918, a Usina possuía 10 quadras de área cultivada com a cana espécie *Batavia*, 6 quadras de áreas cultivadas com a espécie de Cana *Cayena/Caiana* e 7 quadras de área cultivadas com a *Cana Pernambucana*. O transporte da Cana até a Usina Joaquim Antônio Vianna era realizado de duas formas: Por meio de trilhos, nas quais corriam vagões conduzidos por animais ou por meio de Carros de Boi.

Na imagem abaixo, temos o registro de plantação de cana em terras da Usina Joaquim Antônio datado de 1910.



Fonte: Viveiros, 1918, p.09.

Essa imagem registra a visita de técnicos nas áreas de cultivo da Usina Joaquim Antônio. Na ocasião, estava sendo implantado o cultivo da cana pernambucana na propriedade. Esse é o mais antigo registro correspondente à Usina Joaquim Antônio, até então localizado.

O açúcar produzido na Usina era identificado como “Assucar Usina Joaquim Antônio” (imagem da página seguinte). E, segundo Santos (2006) essa marca era impressa nas embalagens do produto.

Além do açúcar, a usina produzia também a cachaça, produto que era também comercializado com saída na região de Guimarães e Cururupu.

ASSUCAR BARATO
 Vende-se assucar ALVO como iasde a
700 reis o kilo
 nas seguintes Agencias da
Usina "Joaquim Antonio"
 RUA DE SANTO ANTONIO, 29
 RUA GRANDE, 180, --em frente ao cascho da Estada
 No mercado da Praça da Alegria No Mercado Grande
Só para os Retalhistas
 Em quantidade superior a 5 kilos, vende-se especial assucar de
2: a 600 reis o kilo
 BREVEMENTE:
 Cristal alvo, especial, a 700 reis kil
 Assucar BITOLA-tipo novo-proprio para a pobreza 640 reis o kilo
 Chama-se a atencion da publico para lembrar que a usina produz assucar a preço
 da usina da Usina e a preço de assucar das outras usinas
200 reis o kilo,
 da qual resulta uma contribuição para a economia de 60.000.000 annos reais annos !!
Comprem o assucar da
Usina "JOAQUIM ANTONIO"
 unica no Estado produtora de assucar refinado !!!

Fonte: A Pacotilha, ano 1916, edição nº 00244.

De acordo com Pereira (2000) existia uma diferenciação entre os produtos produzidos na Usina, à exemplo do açúcar mascavo (um açúcar de cor amarelada, também chamado de mulatinho com consistência seca). Esse tipo de açúcar tinha como objetivo o mercado interno. Já o açúcar refinado (cristalizado e branco) tinha como destino a exportação para lugares como o Pará e vendas comerciais na capital da província.

O transporte da mercadoria se fazia por meio de navegação fluvial e costeira, essa era uma das alternativas utilizadas para deslocamento tanto de pessoas como também das mercadorias oriundas das unidades produtivas da região do Litoral e Baixada com destino à capital São Luís.

O transporte era feito em canoas de grande proporção (varengas) que trafegavam pelo canal construído por Joaquim Antônio. Este canal interligava-se ao Rio do Bizal o qual desemboca no Rio Pericumã. Acreditamos que nesta área da Foz do Rio do Bizal, era onde localizava-se chamado "Porto do Bandeira", onde acreditamos ter existido uma espécie de depósito no passado (um local para o acondicionamento das mercadorias que aguardavam remoção para embarcações maiores)¹⁰.

Ao chegar no Porto do Bandeira os produtos eram descarregados e recarregados em outra embarcação de maior porte. Esta embarcação partia pelo Rio Pericumã, alcançando a Baía de Cumã e a capital ou outros lugares. Segundo Santos (2006) de lá seguia para São Luís, Pará e Parnaíba. O escoamento era feito por meio de embarcações como o barco "**Natividade**" e "**Oliveira Folha**".

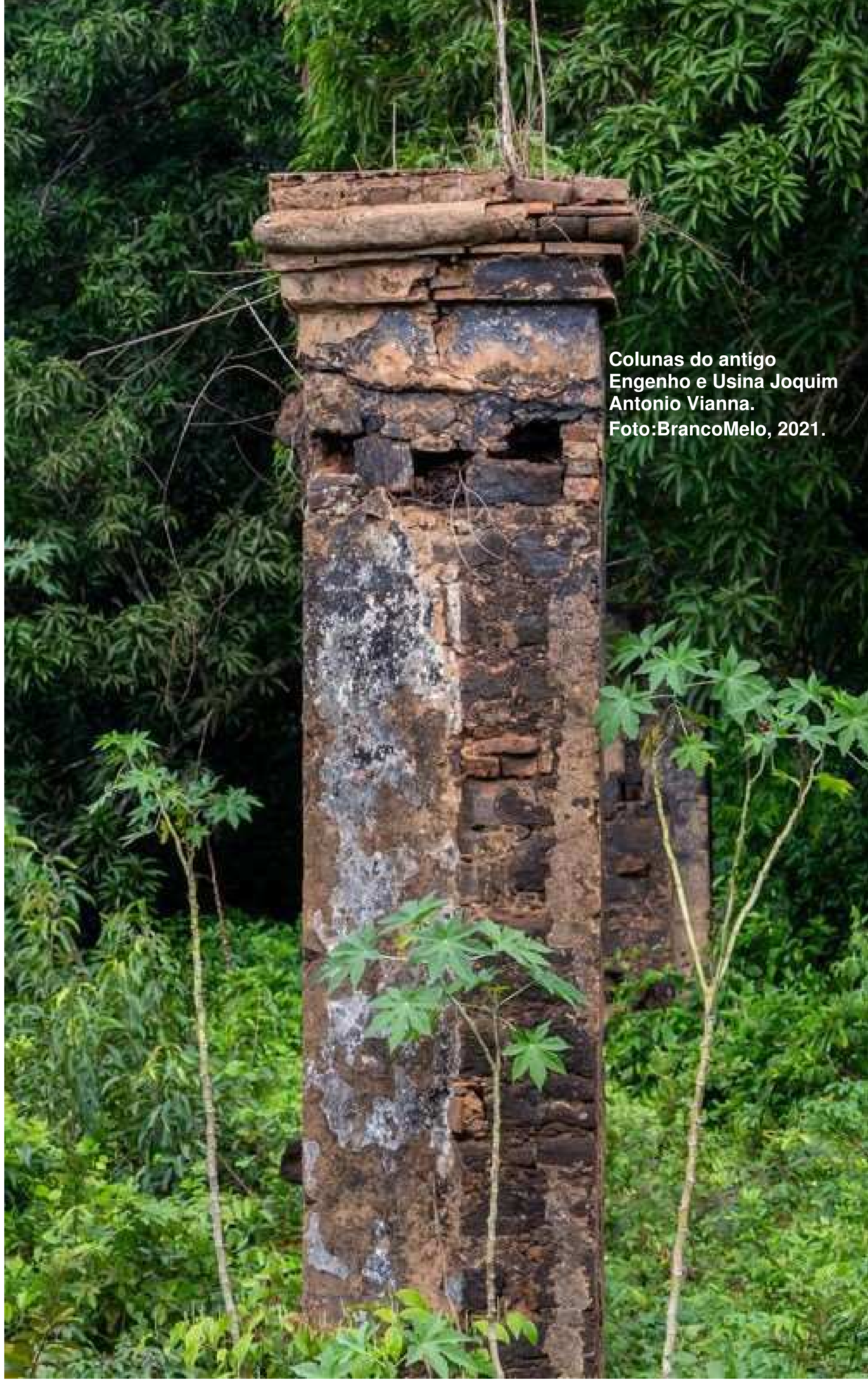
Outras embarcações como "**Guarany**", "**Sta. Aninha**", "**União**" e "**Barco Nazaré**" também realizaram o transporte de produtos da Usina Joaquim Antônio.

A produção além de ter como destino outros estados, também abastecida casas comerciais em São Luís, onde comercializavam açúcar a retalho. Podemos citar:

- Casa Terpando Souza,
- Casa Lisboa Machado
- Casa D. Alves da Silva & Cia.
- Casa M. Santos & Cia Importadora Ltda.
- Casa Pereira Teixeira & Cia
- Casa Albino Campos & Cia
- Casa "No Retalho da Uzina"-(este é o mesmo local da

residência de Alexandre de Viveiros).

¹⁰De acordo com estudos cartográficos realizados via imagens satélite da região, a construção do canal fluvial realizado por Joaquim Antônio, interligava-se ao Rio Bizal, onde suas águas caminham em direção ao Rio Pericumã.



**Colunas do antigo
Engenho e Usina Joaquim
Antonio Vianna.
Foto: BrancoMelo, 2021.**

As Quitandas e a Feira Regional

Como mencionado anteriormente a Feira foi resultado direto da abolição da escravatura atrelado à adoção do sistema da mão de obra assalariada. Esse sistema possibilitou a circulação da moeda e a realização do comércio (pessoas venderem seus produtos produzidos) na área próxima ao engenho no sábado ou no domingo.

A feira foi, e ainda é um espaço onde muitos moradores locais podem comercializar seus produtos. No início, eram aqueles que produziam pagando *Foro* para o dono da terra. Posteriormente, os produtores locais passaram a comercializar seus excedentes em sacas de feijão, paneiros¹¹ de arroz, farinha e minho. Assim como também, a comercializar animais vivos (porcos, frangos, patos, bois), peixes frescos e salgados, camarão, caranguejos, e outros gêneros como artigos de vestuário, calçados e louçarias.

Os produtos adquiridos por meio do *Foro*, de acordo com memória coletiva, parte era levada para a capital, e parte abastecia a "Quintana Pequena", e posteriormente a "Quitanda Grande". Esta última, localizava-se nas proximidades de uma das entradas do engenho, e ao seu lado localizava-se o Tamarineiro, hoje centenário.

Na frente da Tamarineira tinha aquele comércio grande. Se chamava Quitanda Grande. Ele era do Dono. Tinha tudo que se pode pensar para comprar. Agora de comida a maior parte era salgados, porque as comidas frescas só eram de 8 em 8 dias na feira. Depois que encerrou a fábrica a Quitanda ainda passou um tempo funcionando com a administração do sr. Januário, nesse tempo tinha um caixeiro (vendedor) chamado Mundico. Depois de Januário a quitanda passou para um senhor chamado Hypolito, era um comerciante português que passou a tomar de conta. Com Hypolito, já tinha os caixeiros Vinicius e Zé Binho.¹²

A substituição da primeira quitanda, provavelmente foi motivada por uma necessidade de maior armazenamento dos produtos. A segunda quitanda foi construída com estrutura bem maior que a primeira, devido a isso passou ser chamada

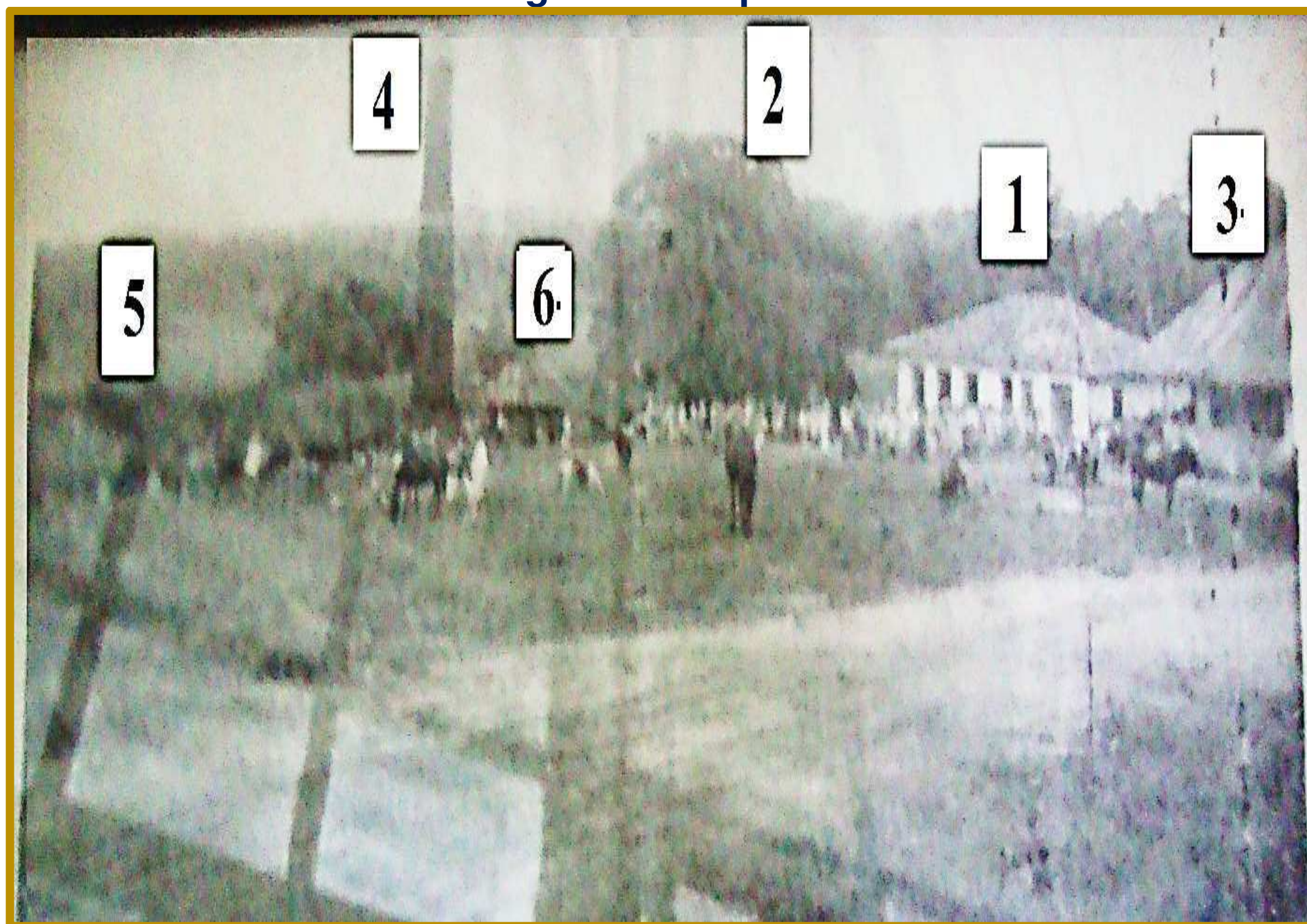
¹¹ O Paneiro é uma medida de peso antiga, e ainda utilizada na comercialização de gêneros alimentícios secos como a farinha, feijão, arroz, milho, e outros. Refere-se à peso de 30 kg. E, normalmente se utilizava o cofo de paneiro (um utensílio feito com a palha do babaçu) onde se armazenam os gêneros alimentícios. Além desta, existe ainda as medidas de meio alqueire (15 kg), e uma quarta (7,5 kg) que também são utilizadas até os dias atuais.

¹² Entrevista com Raimundo Nonato Trindade, em 12 de Fevereiro de 2021.

de Quitanda Grande. Tanto a Pequena como a Grande, de acordo com relatos, eram construções em adobe e com coberturas em telhas. Após a construção desta segunda, o prédio da antiga quitanda passou então a sediar algumas festas e comemorações para os funcionários.

De acordo, com as descrições de nossos entrevistados, e tendo como base a localização de construções ainda existentes, podemos identificar nesta imagem, o que foi a Quitanda Grande, além de outros espaços. Abaixo temos a imagem de uma fotografia do acervo particular da família Ribeiro (últimos proprietários da Usina Joaquim Antônio) que ilustra essas edificações.

Vista de estruturas do Engenho Joaquim Antônio em data 1946.



Fonte: Acervo particular da Família Ribeiro.

Ao analisarmos a imagem acima, constatamos os seguintes pontos: No **Nº 01**, identificamos a construção da Quitanda Grande (não mais existente nos dias de hoje), ao seu lado no **Nº 02**, temos a árvore do Tamarineiro (ainda existente), em seguida, do outro lado no **Nº03** temos uma construção, que acordo com relatos dos entrevistados era a Gerência Pequena(um tipo de escritório da Usina e da Quitanda), era também o

local da moradia do Gerente Januário Alves Oliveira nos tempos de Abelardo da Silva Ribeiro (último comprador da Usina), esta construção não existe mais.

O **Nº 04** é a chaminé da Usina (ainda existente), no **Nº 05** são partes do telhado da casa de engenho, e no **Nº 06** temos uma construção não identificada até o momento. Acreditamos ser um pavimento de algum tipo de operação relacionada à produção do açúcar.

Ao observarmos mais atentamente a imagem, podemos perceber que na frente da Quitanda Grande existe uma grande quantidade de pessoas. Imaginamos que, com base nos relatos ouvidos, o dia em que foi realizado esse registro de fotografia tenha sido em um sábado à tarde na ocasião dos pagamentos dos funcionários e fornecedores da Usina.

O Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC) considera sua existência com mais de 150 anos, sendo está de grande importância comercial para toda a região.

Organização espacial - Estrutura do Engenho e da Feira Tradicional da Região em Central do Maranhão MA.



Fonte: Google Imagens, com adaptações do autor. SALES, 2012.



Pintura da Casa da Gerência, morada histórica do senhor das terras da Usina Joaquim Antônio. Obra do acervo particular da família de Mano Ribeiro, produzida em 2019 pelo artista plástico Marcos Marques (Técnica : Acrílico sobre tela, dimensões 30 cm x 40 cm). Foto: SALES, 2020.

Galeria *Ontem & Hoje*

Área da Feira Regional. Ao fundo a Chaminé da Usina Joaquim Antônio



Fonte: Mídias sociais. Autor e data desconhecidos.



Fonte: SALES, 2013.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Mídias sociais. Autor e data desconhecidos



Fonte: SALES, 2018.

Prédio da Antiga Prefeitura e, ao fundo a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Mídias sociais. Autor e data desconhecidos



Fonte: SALES, 2018.

Galeria *Ontem & Hoje*

Avenida Governador Antônio Dino- Central do Maranhão



Fonte: Mídias sociais. Autor e data desconhecidos



Fonte: SALES, Aricelia, 2018.

Rua Domingos Felisberto- Central do Maranhão



Fonte: Mídias sociais. Autor e data desconhecidos



Foto: SALES, 2022.

A dica é observar os álbuns com fotografias antigas de sua família.

- *Observe os locais onde as fotografias foram feitas;*
- *Localize estes lugares e faça novos registros com uso de um aparelho de celular;*
- *Compare as fotografias antigas com as fotografias feitas por você, destes mesmos locais .*
- *Observe as pessoas e situações retratadas;*
- *Observe as mudanças que ocorreram nestes locais com o passar dos anos;*
- *Socialize as suas conclusões com colegas e amigos.*





**Dia de Finados- Cemitério Municipal
São Pedro. Central do Maranhão-MA.
Foto: SALES, 2020..**

De povoado " Usina Joaquim Antônio", para município " Central do Maranhão"

Após o encerramento da Fabricação de açúcar na década de 60. O Nome Usina Joaquim Antônio permaneceu atrelado ao lugar. Chama-se assim o povoado pertencente ao então município de Guimarães. Em 1961, o município de Mirinzal emancipou-se de Guimarães, tomando para si o então povoado chamado Usina Joaquim Antônio. Mais tarde esse povoado inicia seu processo de desmembramento territorial tornando-se um município e adotando o nome oficial de Central do Maranhão em 1994.

Entre os grupos sociais que se deslocaram para a região, destacam-se principalmente as famílias cearenses fugidas da seca de 1877. Nos anos seguintes, novas levas de cearenses chegaria neste local, fato que se repetiria até meados da década de 50¹³.

Com a falência da Usina, o seu proprietário Emanuel Ribeiro arrendou a terra para posseiros, nos levando a crer que o povoado tenha se expandido nessa época. Tempos depois, parte da fazenda foi vendida para o Governo Federal, que tinha como finalidade realizar a reforma agrária, período no qual ocorreu o processo de emancipação deste lugar, se tornando então município.

Segundo Cutrim (1998), o município de Central do Maranhão foi criado em 1994, com base na Lei Complementar nº 17 de 23 de julho de 1993, que dispõe sobre a criação dos novos municípios, sendo ele desmembrado do Município de Mirinzal, ficando subordinado à Comarca de Guimarães, e sua instalação só veio ocorrer no dia 1º de Janeiro de 1997.

Ficando com o nome oficial de Central do Maranhão, naquela época composto por 44 povoados.

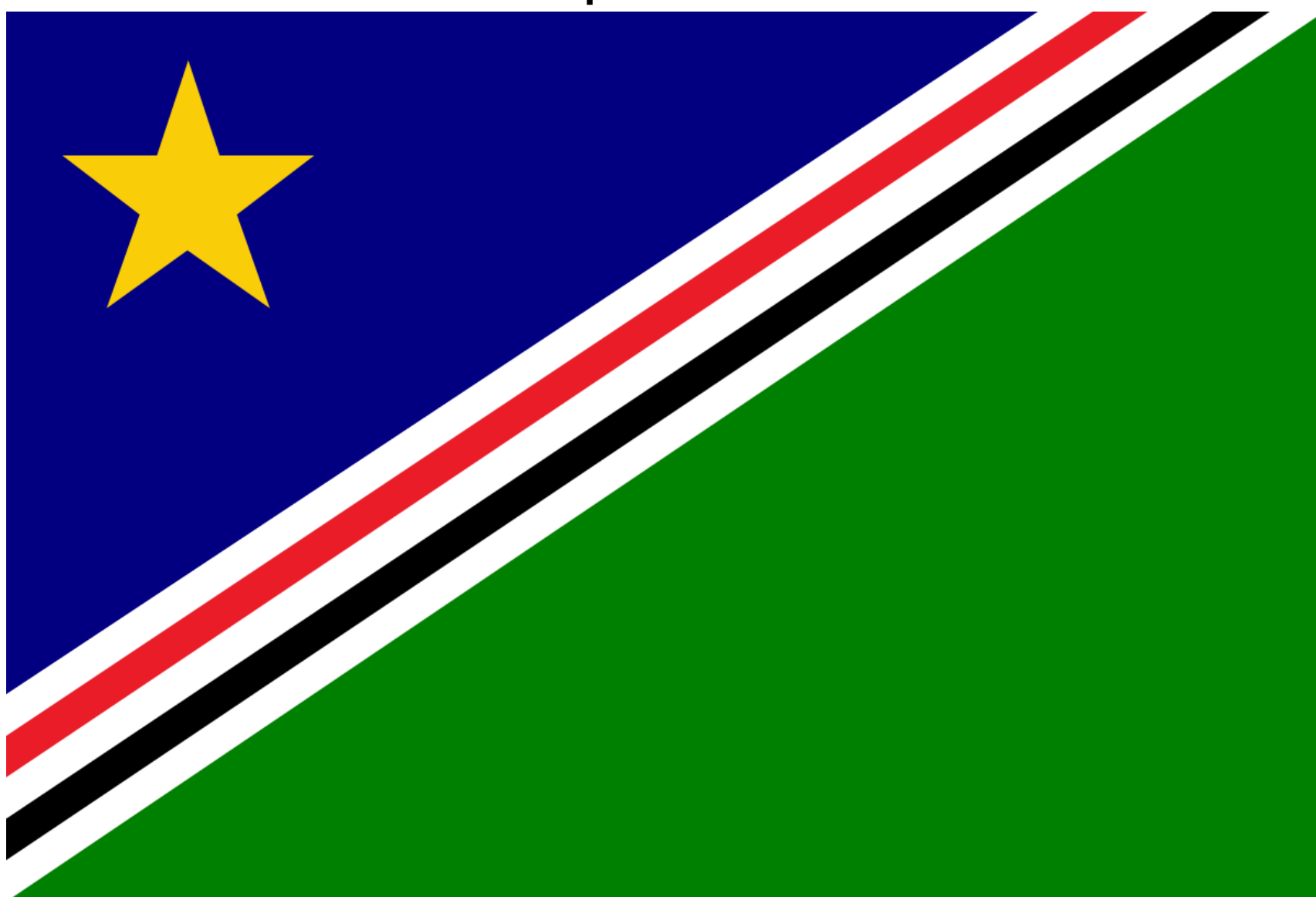
Ainda segundo a autora, a luta pela emancipação teve início na década de 70 por intermédio do então deputado Celso Coutinho e do prefeito de Guimarães. Somente em 1983, foi levado ao plenário da Assembleia Legislativa em forma de Projeto de Lei para a criação do município.

¹³ CUTRIM, 1998, P.47.

Esse projeto ficou um longo tempo engavetado em virtude de divergências existentes entre o autor do projeto, o Deputado Celso Coltinho e a administração de Mirinzal, na época sob a gestão do Prefeito Rubem Amorim.

De acordo com Cutrim (1998), pelo fato do povoado ter surgido a partir de uma ocupação realizada nas terras da fazenda Pindahyba/Pindaíba criava-se uma polêmica quanto à emancipação política do município, pois a Assembleia se preocupou em emancipar o povoado sem ter resolvido a questão da posse da terra. Desta forma entendia-se que o município já nascia privado. Estes aspectos, de acordo com a autora, impossibilitou a posse do prefeito e vereadores da primeira gestão eleita. Esse problema só foi resolvido tempo depois com a intervenção do Governo do Estado que desapropriou uma parte da fazenda.

Bandeira do Município de Central do Maranhão



Fonte: Google imagens, 2022.



**Registro visual da Vala grande.
Local onde era realizado o
embarque de mercadorias em
grandes canoas para seguir pelo
canla até o Porto do Bandeira.
Central do Maranhão .
Foto: Branco Melo, 2021.**

Você sabia?

Você sabia que na época em que Central ainda era povoado de Guimarães e chamava-se Usina Joaquim Antônio, aqui existia uma pista de pouso de Taxi Aéreo ? Pois é verdade! Vamos conhecer um pouco mais dessa história.

Na obra "*Cronologia da História de Guimaraes: homenagem aos seus 250^a anos*" de Oliveira (2007) encontramos a partir de 1949 os monomotores da empresa de Táxi Aéreo Aliança realizando linha aérea entre a capital e Guimarães. E, no jornal *O Combate* de 1957 encontrou-se informações da mesma empresa com linha para a Usina Joaquim Antônio (o lugar) com voos regulares as terças e sábados.

Chamava-se "Taxi Aéreo Aliança" devido ao fato de que o principal sócio da empresa, era o dono da fazenda Aliança (sediada em Cururupu-MA). Seu público principal eram os comerciantes da região. De acordo com os relatos, fica claro que este tipo de transporte utilizado apenas para deslocamento de pessoas.

Recordte do infromativo de Taxi Aéreo

TRANSPORTES AEREOS ALIANÇA LTDA

A mais antiga Empresa de Taxi Aéreo do Maranhão
Rua Nina Rodrigues, 45 — Telegramas — AEROTAXI
Fundada em 20 de Junho de 1949
O maximo em rapidez e segurança

LINHAS REGULARES

Aliança	3as e Sabs	Morros	5as feiraç
Barreinhas	5as feiraç	Nazaré	Sabados
Bom Futuro-Pindaré	4as feiras	Paraty	3as e Sabs
Bequimão	3as e Sabs	Penalva	2as, 4as e 6as
Bacury-Cururupá	3as e Sabs	Pindaré-Mir'm	2as, 4as e 6as
Cururupá	3as e Sabs	Peri_Mirim	3as e Sabs
Cândido Mendes	Sabados	Pinheiro	3as, 5as e Sabs
Gurutil-Guimarães	3as e Sabs	São Vicente	2as, 4as e 6as
Guimarães	3as e Sabs	S. João Batista	3as, 4as e 6as
Joaquim Antonio, Guimarães	3as e Sabs	Sta. Inês-Pindaré	2as, 4as e 6as
Matinha	2as, 4as e 6as	Sta. Luzia-Pindaré	4as e Sabs
Monção	2as, 4as e 6as	Tamanduai	3as e Sabs
Mirinzal — Guimarães	3as e Sabs	Turiagu	4as e Sabs

Obs — Aceita-se para qualquer parte do Estado sob fretamento

Fonte: Jornal " *O combate* " de 1957. Ed. 6936 p. 05.

Referências

- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história.** Akrópolis Umuarama, v. 18, n. 4, p. 299-314, out./dez. 2010.
- BORGES, M^a. Eliza Linhares. A história-conhecimento e o documento fotográfico. In: _____. **História & Fotografia.** 3^a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 75-109 (História &... reflexões).
- CARVALHO, Carlos Jesus de. **Ascensão e crise da economia açucareira no Maranhão: 1850-1910.** São Luís: EDEMA, 2015. Disponível em <https://www.editorauema.uema.br/wp-content/uploads/files/2018/02/ascensao-e-crise-da-economia-pb-1519141918.pdf> Acesso em Jun. 2021.
- COMPANHIA GERAL DE MELHORAMENTOS NO MARANHÃO. **A Uzina Joaquim Antônio 1911-1917.** J. Pires & Cia, 1918. Disponível em [.http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272216551409188615_40511409188615_4051.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272216551409188615_40511409188615_4051.pdf) Acesso em Fev. 2021.
- COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação.** - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.
- FERNANDES, Henrique Costa. **Administrações maranhenses: 1822-1929.** – São Luís: Instituto Geia, 2003.
- ISTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Central do Maranhão** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/central-do-maranhao/panorama>. Acesso em Abr. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades: Central do Maranhão.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/central-do-maranhao/panorama>. Acesso em Jan.2022.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: histórico, conceito e processos,** 2014.
- INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: microrregião geográfica do litoral ocidental maranhense / Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos.** – São Luís: IMESC, 2012. V. 1: il ; 287.

MARQUES, Cezar Augusto. **Apontamentos para o Dicionário Histórico, Geográficos, Topográficos e estatístico da Província do Maranhão**, 1864.

OLIVEIRA, Paulo. **Guimarães na História do Maranhão**. 1ª Edição. São Luís. SECMA, 1984.

_____. **Cronologia da história de Guimarães**. LITHOGRAF, 1992.

_____. **Cronologia da história de Guimarães: homenagem aos seus 250 anos**. 2ª Edição ampliada. SEGRAF. São Luís, 2007.

PEREIRA, Robson. Uma primeira observação sobre a feira Livre de Central do Maranhão, da origem e uma etnografia hoje. *In*: FERRETY, Sergio. **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados/ organizado por Sergio Ferretti**: - São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS), 2000.

PEREIRA, Josenildo de J. **As reformas do trabalho no Brasil Império**: ideias, ecos e vozes da província do Maranhão na década de 1880. Revista Historiador Vol. 10 nº18 Jan- Jun de 2018.

QUINCAS, Vilaneto. **Catálogo Histórico da Imprensa Maranhense: do Prelo ao Prego: 1821-2007**. São Luís 2008. /Capital Volume I. Disponível em <https://www.editorauema.uema.br/wp-content/uploads/files/2018/02/livro-do-prelo-ao-prego-capital-quincas-vilaneto-1519142120.pdf>. Acesso em Jul. 2021.

SANTOS, Agnaldo Reis dos. **A história da Usina Joaquim Antônio**: a mão-de-obra empregada, sucessão administrativa e sua contribuição para a formação do município de Central do Maranhão. Pesquisa apresentada ao programa de Especialização em História da Universidade Estadual do Maranhão/ São Luís: UEMA, 2006.

SALES, Aricelia Cantanhede. **Fazendo casas de taipa**: etnografia do processo de construção das casas de taipa na cidade de Central do Maranhão- MA/Brasil. Monografia defendida na Graduação em Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão, 2012.

SOUZA, Ivan Pereira de. **Do engenho à Usina**: estudo diacrônico da terminologia do açúcar. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-26102007-154413/publico/DISSERTA>

TROVÃO, José Ribamar. **Relatório preliminar do Litoral Ocidental**. São Luís: UFMA, 2000.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do Comércio do Maranhão.** (1612 – 1895); (1952-1954), volume I e II, reedição similar, São Luís: Associação Comercial do Maranhão/LITHOGRAF, 1992.

PEREIRA FILHO, Jomar Fernandes. **Economia Maranhense de 1890 a 2010:** superexploração e estado oligárquico como entraves ao desenvolvimento. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2016.

Periódicos

Jornal O Combate. Ano 1957. Edição 06911 p02. Disponível em. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763705&Pesq=UZINA%20JOAQUIM%20ANTONIO&pagfis=28334>. Acesso em 11 de Abril de 2021.

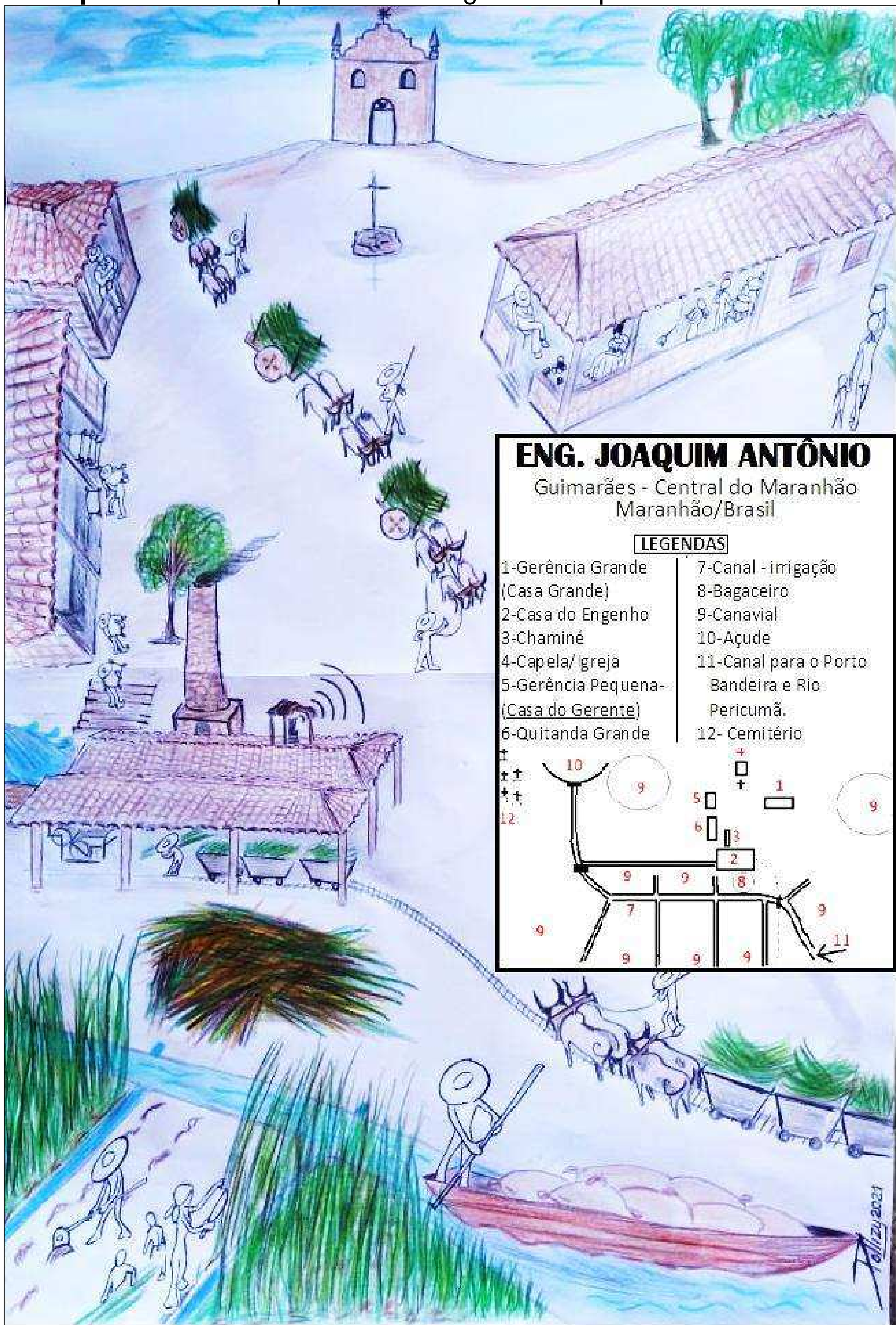
Jornal A Pacotilha (MA) Ano 1903 Edição 00051. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=UZINA%20JOAQUIM%20ANTONIO&pagfis=26211. Acesso em Fev. 2021.

Jornal Folha do Povo (MA) Ano 1929 II. Edição 0073 . P agina 02. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720240&Pesq=UZINA%20JOAQUIM%20ANTONIO&pagfis=816> .Acesso em Fev. 2021

Jornal O Imparcial. Ano 1940. Edição 06976. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&pesq=UZINAS&pagfis=27509> Acesso em 11 de Abril de 2021.

Jornal Folha do Povo (MA) Ano 1929 II. Edição 0073 . P agina 02. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720240&Pesq=UZINA%20JOAQUIM%20ANTONIO&pagfis=816>. Acesso em Fev. 2021

Complemento 1- Mapa Animado "Engenho Joaquim Antônio Vianna"



Fonte: (SALES, 2021). Representação gráfica criada pelo autor com base em informações da pesquisa e inspiração na obra Casa Grande & Senzala.

Complemento 2

Para saber mais !

Vídeos



1-Patrimônio Cultural Material e Imaterial -
<https://www.youtube.com/watch?v=7zOSulkHJdY>



2-O que é Patrimônio Cultural? Bens materiais e imateriais
[.https://www.youtube.com/watch?v=BUU2nI-QZ_U](https://www.youtube.com/watch?v=BUU2nI-QZ_U)



3-O Que é Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial?-
<https://www.youtube.com/watch?v=-Uz61DKiMAk>



4-Cultura, memória e Patrimônio -
<https://www.youtube.com/watch?v=NM3J0fgYexs>



5-O Que é Tombamento?-
<https://www.youtube.com/watch?v=pTVDjREDvVs>



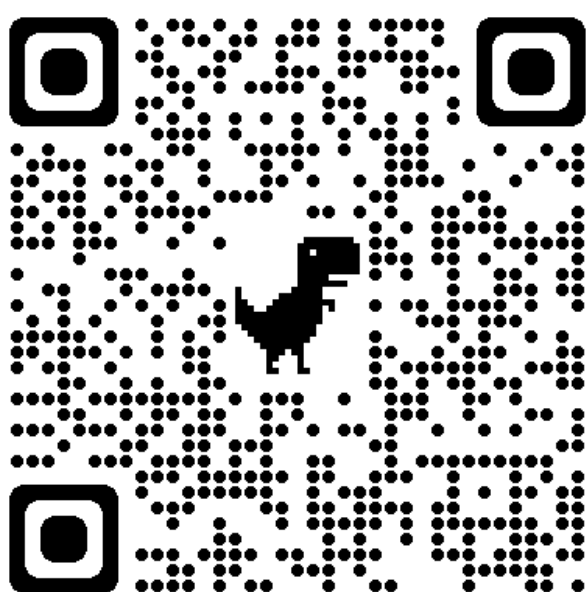
6- A Importância da preservação por Maria Cristina Kormikiari (Casa do saber).
<https://www.youtube.com/watch?v=hCtwj4eF4G4>

Para saber mais!

Textos

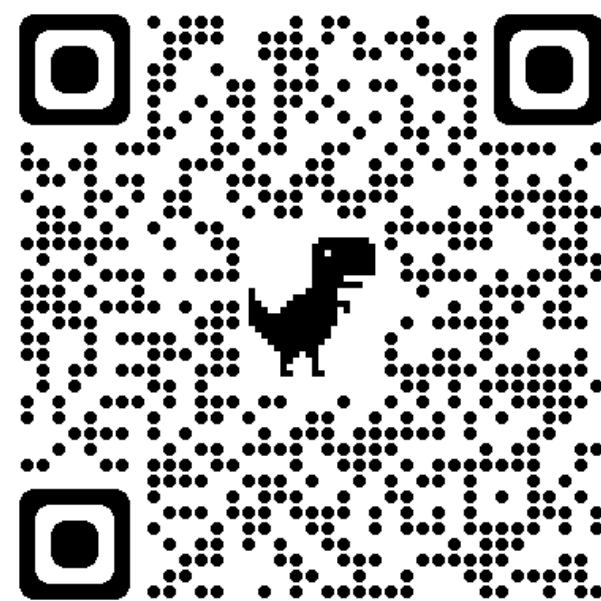
1-Patrimônio Cultural-

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>



2-Patrimônio Material-

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>



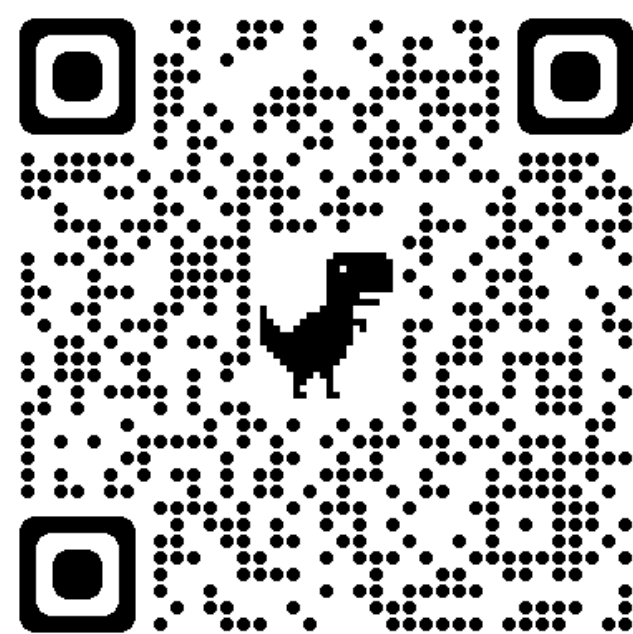
3-Patrimônio Imaterial-

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>



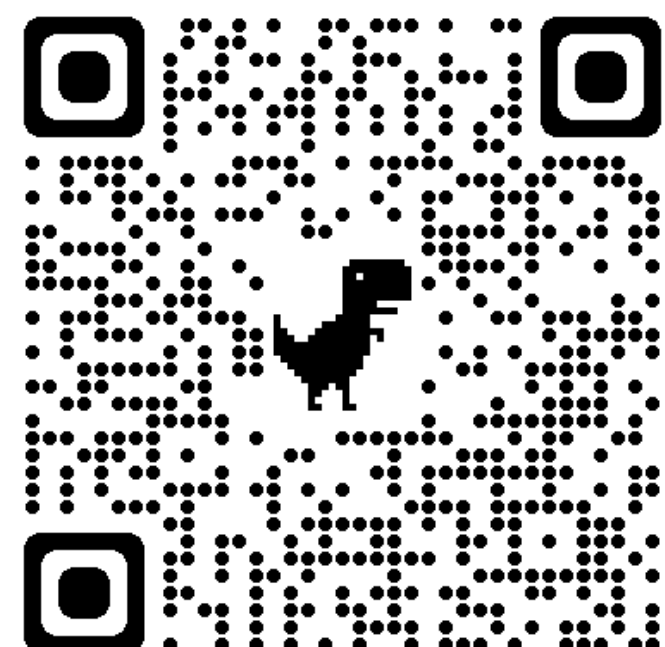
4-Patrimônio Mundial-

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24>



5-Patrimônio Mundial Cultural e Natural-

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>



6-Processo de inscrição do Patrimônio -

<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/processo-de-inscricao-do-patrimonio>



Complemento 3- Registros Visuais das Ruínas Históricas

Colunas do antigo Engenho /Unsina Joaquim Antônio Vianna



Foto: SALES, Aricelia Cantanhe, 2012. Acervo particular do autor.

Ruínas históricas- Colunas da Casa de Engenho



Foto: SALES, Aricelia Cantanhe , 2020. Acervo particular do autor.

Ruínas históricas- Colunas da Casa de Engenho



Foto: BRANCO MELO, 2021.

Chaminé da Usina Joaquim Antônio Vianna



Foto: SALES, Aricelia Cantanhe , 2020. Acervo particular do autor.

Vestígios de edificação na área da Vala Grande em período de estiagem com baixo nível de água no rio.



Foto: SALES, Aricelia Cantanhede, 2018. Acervo particular do autor.

Largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Foto: SALES, Aricelia Cantanhede, 2020. Acervo particular do autor.

Balneário Açude, construído ao lado da área onde era realizado o repreamento da água que alimentava aos canais de irrigação nas áreas de cultivo do Engenho.



Foto: SALES, Aricelia Cantanhede, 2018. Acervo particular do autor.

Dia de Domingo- Registro da Feira de Central do Maranhão, com vista a partir do largo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.



Foto: SALES, Aricelia Cantanhede, 2022. Acervo particular do autor.

Complemento 4- A Nossa Diversidade centralense

A Culinária

Na gastronomia do lugar, contamos com inúmeras frutas da região à exemplo do buriti, juçara, pitomba, manga, bacaba, jenipapo e outros apreciados *in natura*, como sucos ou doces.

Podemos destacar como exemplos de comidas da localidade: bolo de tapioca, a fariha d'água, a carne de porco, peixe seco cozido com vinagreira, peixe cozido com caju, galinha caipira no vinho de coco, caranguejo, sururu, camarão, feijão vinagre, pato no vinho de coco, dentre outros.

Nas bebidas, além dos sucos de frutas já mencionas, também destacamos as bebidas derivadas da cachaça, produto de produção tradicional da região. Como exemplos, temos as batidas e licores de cajú, jenipapo, tamarino e maracujá. Estas bebidas são culturalmente servidas nas realizações de festejos tradicionais na região.



Fonte: Google imagens, 2022.

A Produção Artesanal

Existe uma grande variedade na produção artesanal local com uso da matéria prima natural (palha do babaçu, tucum, cipós, conchas, fibras do buriti, madeira do buriti, junco, imbirá/envira, e outros mais) ou artificial (como é o caso das atividades manuais a base de reaproveitamento de resíduos sólidos descartados), e ainda produções a base de trançados, tricô, bordados, crochê, modelagem em cimento e outros.



Produções artesanais locais. Foto: SALES, 2018.



Esculturas em Cimento e Tecido da Artesã da Comunidade Quilombola de Angelim)- Central do Maranhão. Foto: SALES, 2018.

Nas fotos, observam-se registros da exposição coletiva de artesões centralenses organizada em 2018, evento que teve como objetivo, incentivar a divulgação e a valorização do artesanato local. A ação se deu por meio do Projeto “Mãos que fazem bonito”.

As Manifestações Culturais

Em Central do Maranhão, assim como em toda região, existe uma grande diversidade em manifestações culturais. Podemos destacar os seguintes: Bumba meu boi de Zabumba, Bumba meu boi de orquestra (mais recentes), Boi de Carnaval¹⁴, Boi de Verão, Escolas de samba, Quadrilhas juninas, Tambor de crioula, Casinha da Roça, Tambor de mina, Forró de Caixa¹⁵, Blocos Carnavalescos, Escolas de Samba, Festejos do Divino Espírito Santo, realizados em terreiros de Religião de Matriz Africanas, a Dança do Baralho¹⁶ e o Saraméu¹⁷. Já foi lugar de se encontrar a Dança Tapuia, Danças Ciganas, Pastores, Danças Portuguesas, Grupos de Reggae e outros que atualmente não existem mais. Da mesma forma, observamos a diversidade refletida na religiosidade do povo por meio da existência de: Igrejas católicas, templos da: Assembléia de Deus, Igreja Batista, Testemunhas de Jeová, Deus e amor, e como foi mencionado anteriormente, os templos da Religião de Matriz Africana, também chamados de "terreiros".

¹⁴ Segundo os mais antigos da comunidade, a brincadeira é antiga, tendo suas origens na comunidade "Nova Terra", posteriormente mudando de donos. Passou um tempo esquecido, até que à 16 anos foi novamente resgatado, sendo agora organizado pelo Sr. Panticó no bairro do Cantagalo, este mesmo senhor também organiza a Casinha da Roça e a Quadrilha Junina com parcerias. O Boi de carnaval, trata-se da brincadeira de boi que sai às ruas arrastando multidões no período carnavalesco (Domingo e terça-feira de Carnaval). Normalmente utilizam 03 caixas de Zabumbas, matracas, apitos e maracás como percussão, entretanto percebe-se que apesar de ter semelhança com a outra forma da brincadeira (Período Junino) a forma de tocar os instrumentos é diferenciada. É comum também no cortejo a presença de coireiras de tambor de Crioula.

¹⁵ Também conhecida por Baile de Caixa, Bambaê de Caixa em outras regiões, o Forró de Caixa em Central é uma dança de roda acompanhada por instrumentos de percussão chamado caixas. A dança apresenta coreografia complexa com reviravoltas bruscas que exigem agilidade dos participantes que dançam vários estilos, como por exemplo: valsa, lelê e chorado.

¹⁶ A Dança do Baralho é uma dança tradicional e antiga na região, por muito tempo esquecida na memória dos mais velhos. Em 2010, sob a liderança da Sr.^a Maria de Lurdes Paixão, a dança foi resgatada com a proposta da reciclagem de matérias e criou-se o grupo "Baralho Artesanal de Central do Maranhão". Este tipo de manifestação caracteriza-se pelo uso das caixas como instrumento acompanhado de um chocalho de lata, é uma brincadeira que está relacionada ao período do Carnaval.

¹⁷ O Saraméu é outra brincadeira carnavalesca popular do município. Assemelha-se a um bloco de rua, seus participantes saem pelas ruas da cidade ao som de cantigas carnavalescas que são cantadas e acompanhadas com toque de litros e garrafas de vidro, por este motivo muitos chamam a manifestação de bate-litro. São utilizados também duas zabumbas e pandeiros acompanhando. Segundo D. Conceição, umas das organizadoras atuais da brincadeira (há 04 anos), "O Saraméu teria surgido em uma comunidade centralense chamada João Ferreira, lá era realizada por um senhor chamado Zé Gibreu, posteriormente teria migrado para a localidade Terra Nova, onde passou a ser realizado pelo Sr. Mundiquinho. A Brincadeira sai às ruas somente na terça-feira de carnaval pela manhã. Em seu trajeto pela cidade, sai visitando casas realizando pequenas paradas à pedido dos moradores, que em troca oferecem agrados (bebidas). Uma característica bem peculiar desta brincadeira é a utilização de um grande abano chamado "Urupi" (Peça artesanal feita com a palha do babaçu na forma de um grande Triângulo). Este abano é utilizado como uma espécie de estandarte e conduzido normalmente por um jovem. A "Casinha da Roça" na verdade é um carro organizado por "populares" cujo tema mostra a vida na roça, onde se tem uma cabana de palha ocupada internamente por seus habitantes e visitantes que geralmente dançam tambor de crioula nesta parte interna.

Central do Maranhão é uma cidade culturalmente rica, mas, carente de investimentos que possam valorizar tais manifestações de forma que, se mantenham os grupos existentes e se resgate os que já deixaram de existir.



Boi de Carnaval. Foto: SALES, 2012.



Dança do Baralho. Foto: SALES, 2012.



Sarameu pelas ruas de Central do Maranhão. Foto: SALES, 2012.



Festejo de santo com tambor de Crioula na comunidade Juçaral. Foto: SALES, 2018.



Baile de Forró de Caixa na comunidade Estiva dos Oliveria. Ocasão do encerramento de Festejo de Santo Antônio de 2019 nesta comunidade. Foto de autoria desconhecida. Fonte: Mídias sociais da comunidade.

Grupos culturais locais

• Tambor de Crioula Raízes Africanas.

O Grupo de Tambor de Crioula Raízes Africanas pertence à Associação de Cultura Popular e Recreação de Central do Maranhão–ACPRECEMA.

A ACPRCEMA é uma entidade sem fins lucrativos, fundada no ano de 2004 com a missão de contribuir para a valorização da cultura local e proporcionar o acesso a atividades sociais e culturais à comunidade. Tem em seu histórico, a realização de diversas atividades como: Atividades esportivas para crianças e jovens, realização de eventos como o Tributo aos Negros, evento realizado desde 2006 em comemoração ao dia da Conciencia Negra. E, a criação dos grupos, de dança de reggae, forró de caixa e o grupo de Tambor de Crioula Raízes Africanas que atualmente mantem-se ativo até os dias atuais.

O T.C. Raízes Africanas foi criado um ano depois, da entidade, em 2005. É dirigido desde então pelo Sr. José Domingos Martins Roddrigues e pela Senhora Celia Maria Nunes Cantanhede então Mestre de Tambor de Crioula, intitulada em 2014 pelo processo de Salvaguarda da Secretária de Cultura do Estado do Maranhão-SECMA.

O grupo possui cerca de 40 componentes. Tem cadastro ativo na Secretaria de Cultura do Estado e faz parte da programação Junina oficial do estado há mais dez anos.



Foto: Acervo do grupo de Tambor de Crioula Raízes Africanas, 2017.

• Tambor de Crioula União de São Benedito

O Grupo foi fundado em 10 de Outubro de 2010 a partir de atividades que igreja católica vinha realizando no bairro do Cantagalo, incentivando a população a interagir com a igreja e com os trabalhos sociais para uma comunidade melhor.

Seu histórico de criação é marcado por um fato inusitado. A comunidade precisava ter a imagem de um santo padroeiro, então se reuniram e decidiram realizar um sorteio. E, dentre vários nomes de santos escolhidos, o sorteado foi "São Benedito". A partir de então, tiveram a ideia de fazer um grupo de tambor crioula, já que o santo tinha forte ligação com a cultura afro e por ser o santo protetor dos negros, pois lembrava também a luta dos negros contra escravidão.

Foi então criada uma diretoria para representar e conduzir os trabalhos, ficando nas mãos da Sra. Sandra e do professor Nilton, com apoio de coordenadores. O grupo é composto por 60 pessoas.



Foto: Werbeth Alves. Acervo do Grupo de Tambor de Crioula União de São Benedito, 2017.



Foto: Werbeth Alves. Acervo do Grupo de Tambor de Crioula União de São Benedito, 2017.

• Bumba Meu Boi Brilho de Central (Boi de Maurícia) Zabumba

Considerado por alguns o mais antigo da localidade, tem sua existência ligada à três gerações por pagamento de promessas.

Segundo informações de integrantes do grupo, a brincadeira teve origem no povoado floresta criado por Manoel Almeida como forma de pagamento de promessa. Compromisso este repassado para a Sr^a Elosina, e em seguida para a Sr.^a Maurícia Costa Cunha que era uma antiga torcedora do boi. Dona Mauricia assumiu a brincadeira, que por alguns anos foi realizada no povoado Vilas Boas. Logo depois mudou-se para a sede do município, tendo como último endereço o bairro Colônia (onde atualmente está a sede do boi).

Em 2019 com o falecimento de Dona Maurícia, seu neto Paulo Ricardo Viégas Silva, que também era vaqueiro do boi decide assumir o comando.

O grupo pertence à Associação Recreativa e Cultural Bumba Boi de Zabumba de Central do Maranhão-(ARCBCMA). É o único boi no sotaque de zabumba ainda ativo na cidade Central do Maranhão, mantendo viva a tradição ¹⁸. Reúne mestres da cultura local como: Balbino, Me. Samuel, Me. Basílio, Me. Raimundo, Me. João, Me. Hugo, Me. Manoel Costa, Me. Matias, Me. Zidoril e muitos outros que contribuem na manutenção da brincadeira¹⁹.



Registro do ritual de morte do boi (Matança) ocorrido no ano de 2012.
Foto: SALES, 2012.

¹⁸ Na memória da comunidade são ressaltados outros grupos que existiram em épocas ou povoados distintos, dentre eles, o Boi do povoado São Sebastião, e o Boi de Sinésio Mondego, ambos do Sotaque de Zabumba, já há alguns anos desativados.

¹⁹ Informações obtidas em contato com integrantes do grupo cultural local.

• Bumba Boi Encanto de Central - Orquestra

De acordo com informações fornecidas, o grupo foi fundado em 31 de Março de 2018, no bairro do Canta Galo, em Central do Maranhão – MA. O nome "Encanto de Central" dá-se em uma homenagem a uma banda marcial fundada no mesmo bairro. O grupo é formado por corpo de baile, orquestra e conjunto de dirigentes. Tem como objetivo resgatar e valorizar acontecimentos históricos através da música, poesias e arte na perspectiva de não deixar morrer a nossa história e cultura²⁰.

Entre os diretores estão: Werbert Piedade Alves, Nilton Santos, Sandra Cristina, Gabriel Santos, Vinicius Costa, Marcos André, Elisangela Costa, Joadson, Andreina.



Foto: Werberth Alves. Acervo do grupo de Bumba Meu boi Encanto de Central, 2018.

Bumba meu boi Estrela de Central- Orquestra

Possui cerca de 8 anos de existência no município. Foi idealizado pelo senhor Diruna e Sr. Albertino. Atualmente é liderado por D. Rosa.



Foto: Acervo particular do grupo de Bumba Meu boi Estrela de Central, ano desconhecido.

²⁰ Informações obtidas a partir de conversas com dirigentes do grupo cultural local.

• Escola de Samba Flôr de Mangueira

Segundo informações repassadas por um de seus dirigentes, a Flor de Mangueira é a segunda escola de samba mais antiga de Central do Maranhão²¹. Foi fundada em 03 de setembro de 2003, na rua Benício Liberato S/N centro, pelos fundadores Manuel Costa e José Domingos Sousa. A escola já teve vários diretores, atualmente está sob a direção dos senhores Werbert Piedade Alves e Manuel costa.

A Flor de Mangueira possui grandes compositores como Manuel costa, Reginaldo Costa, Zé Cabeça e Dirunda. A escola possui tradição no carnaval de central do maranhão, já participou de vários encontros de blocos e escolas de samba da região. O seu maior samba, e também considerado hino no carnaval é o "Sinal da cruz". Outros sambas de grande destaque são: "A produção de Central" e "meu amor não chore".

Nos carnavais a escola também já apresentou vários temas, citamos alguns deles: "*A produção de central*"; "*A Padroeira de central*"; "*Artesanato como fonte de renda*"; "*Engenho Central cana de açúcar*" e "*Bumba meu boi patrimônio cultural e material da humanidade*". A escola vem resistindo até os dias atuais mantendo viva a sua história e a cultura da comunidade.



Desfile da escola de Samba Flôr de Mangueira pelas ruas de Central do Maranhão. Foto: Acervo da escola de samba Flôr de Mangueira, 2003.



Registro de Mestre sala e porta bandeira da escola Flôr de Mangueira. Foto: Acervo da Escola de Samba Flôr de Mangueira, 2020.

²¹ Segundo a memória local, anteriormente à Flor de Mangueira, a "Nova Escola" era uma das atrações do carnaval local, com desfiles pelas principais ruas da cidade. Foi desativada há mais de 13 anos.

Complemento 05 - JOGO DE CAÇA-PALAVRAS

S	F	S	A	O	-	P	E	D	R	O	-	F	Q	U	P
E	G	C	A	N	A	I	S	S	C	A	N	O	A	S	D
U	C	H	A	M	I	N	E	A	A	C	R	R	A	C	E
-	A	S	S	I	Z	D	O	M	I	N	G	O	T	A	I
M	R	A	E	R	C	A	Ç	H	A	Ç	A	R	R	R	B
A	R	L	A	I	X	H	I	D	R	A	U	L	I	C	O
N	E	A	K	N	V	Y	A	B	A	P	L	Ç	L	E	I
O	I	R	L	Z	N	B	W	Ç	B	C	K	N	H	I	S
L	R	I	Y	A	M	A	Ç	U	C	A	R	L	O	Y	H
Q	K	O	R	L	Q	U	I	T	A	N	D	A	S	O	J
Y	B	E	N	E	D	I	T	O	B	A	R	R	O	S	K
E	S	C	R	A	V	I	Z	A	D	A	F	E	I	R	A
C	A	R	R	O	-	D	E	-	B	O	I	N	M	O	E
W	V	Q	H	J	R	A	I	C	L	Y	O	P	V	C	H

Desafio: Encontrar no quadro acima palavras relacionadas ao conteúdo visto neste material, e comentar sobre a sua relação com a história do Engenho/Usina Joaquim Antonio Vianna.

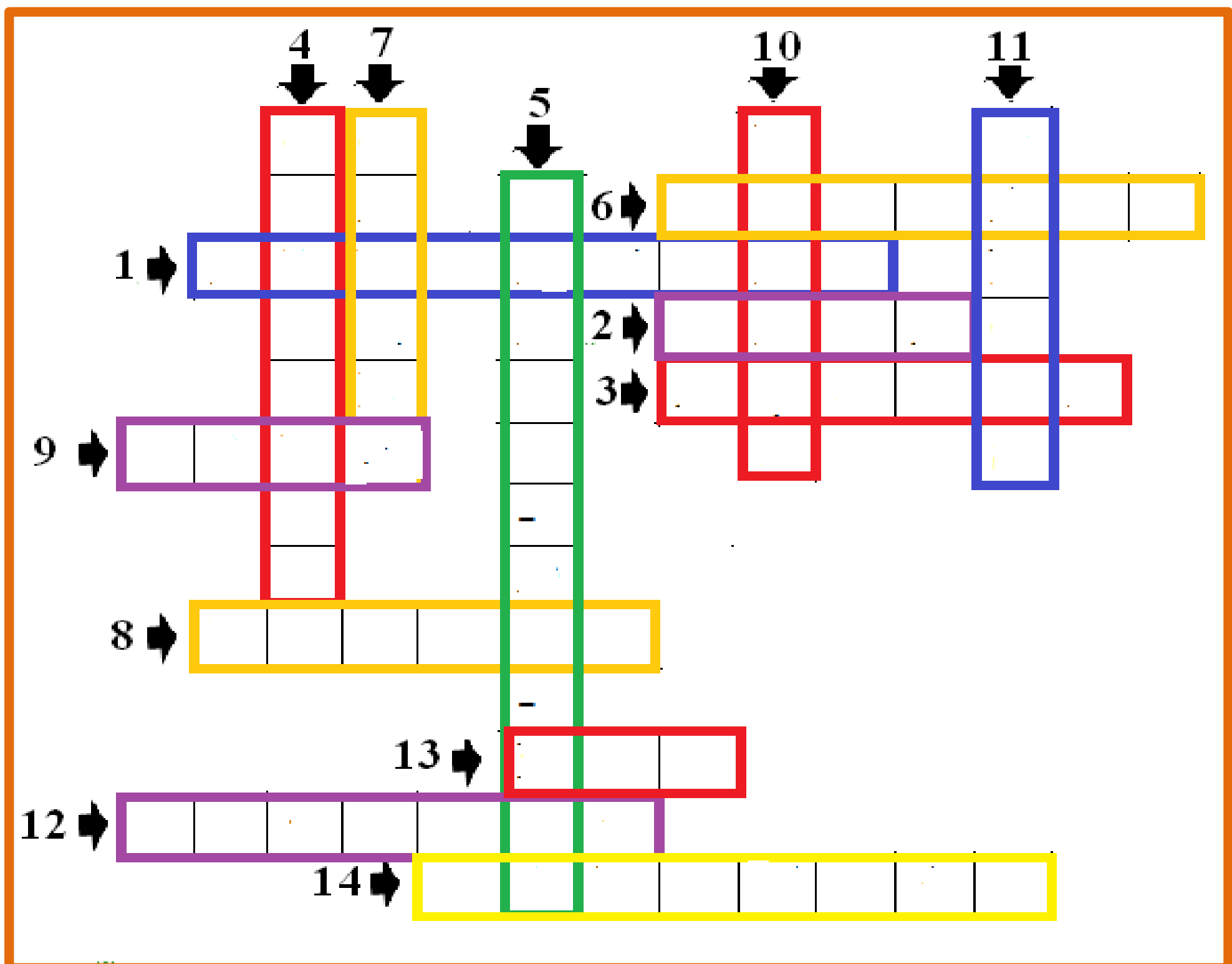
Exemplo:

Palavra encontrada: Cana

Relação: A cana era utilizada para produzir o açúcar no enegenho.

Obs: Quanto maior a quantidade de palavras encontradas e relações corretas sejam feitas, maior a sua pontuação.

Complemento 06- JOGO DE PALAVRAS CRUZADAS



Fonte: O autor.

DICAS:

- 01- Nome da fazenda que pertenceu a Joaquim Antonio Vianna
- 02-Local de onde saíam canoas conduzindo produtos até o Porto do Bandeira.
- 03-Produto principal produzido no Engenho/Usina Joaquim Antônio
- 04- Tipo de estabelecimento comercial antigo onde se encontrava todos os tipos de produtos sendo vendidos.
- 05- Tipo de transporte rústico e feito em madeira, na qual se utiliza um ou mais animais (boi) para realizar a condução de materiais de um lugar para outro.
- 06- Subproduto derivado da cana, e que também era produzido na Usina de Joaquim Antônio na forma de líquido.
- 07- Estrutura construída para que a água do reservatório pudesse percorrer e chegar até o local da casa de engenho para o funcionamento das máquinas.
- 08-Estruturas em ferro que corriam sobre os trilhos conduzindo a cana do canavial até a Casa de Engenho.
- 09-Matéria prima para a produção do açúcar
- 10-Tipo de fruto muito comum na região, na qual se obtém o azeite e o vinho de coco utilizado na gastronomia local, e de sua fibra se faz artesanatos.
- 11-Tipo de transporte utilizado sobre águas usado para locomover os produtos produzidos na Usina ao longo do canal até o Porto do Bandeira.
- 12-Estrutura de ferro montada sobre o solo, utilizada em locais mais planos dos canaviais, como forma de facilitar o transporte da cana por meio de vagões até a Casa de engenho.
- 13- Animal historicamente utilizado nos engenhos do Brasil Colonial como forma de obter força bruta para mover maquinários pesados e transportar produtos. É também um dos elementos da nossa cultura popular ricamente celebrado no período junino.
- 14-Município do qual Central do Maranhão se emancipou politicamente.

Biografia do autor

Natural de Brasília, mas maranhense e centralense de criação e coração. Tem formações completas em Arte pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Formação técnica em Guia de Turismo pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-MA); Especialização Técnica na área de Atrativos turísticos Culturais pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Estadual do Maranhão(UEMA).

Participou da fundação em 2004 da Associação de Cultura Popular e Recreação de Central do Maranhão (ACPRCEMA), entidade sem fins lucrativos onde atuou como Coordenadora de Atividades Artísticas, estilista dos grupos culturais, e Vice-Presidente (função atual).

Foi mediadora Cultural do acervo museológico no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho- MA, prestando atendimento ao público turístico, escolar e local no período de 2008 a 2010. Atuou como educadora comunitária em projetos socioeducativos como: Escola Aberta e Mais Educação voltados para público escolar infantil e juvenil em escolas municipais de São Luís-MA.

Realizou oficinas de Atividades Artísticas para o público da terceira idade na AAUNI - UNIT/UFMA (Associação dos Amigos da Universidade Integrada da Terceira Idade).

Em 2017, foi Arte-Educador na rede estadual de ensino, por meio de contrato temporário no município de Apicum Açu-MA.

Exerceu a função de Apoio à pesquisa e difusão cultural no Museu Casa de Nhozinho, órgão vinculado à Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão no ano de 2018.

Exerceu também a função de Presidente do Conselho Municipal de Turismo (Comtur) de Central do Maranhão-MA no período de 2019 a 2021.

Foi Arte-Educador na rede pública municipal de São Luís (SEMED) no período de 2014 a 2021.

É LÍDER - Litoral Ocidental Maranhense, e membro da Instância de Governança Regional (IGR) do Polo Turístico Floresta dos Guarás e do Fórum Floresta dos Guarás. É também produtora cultural, integrante do Grupo de Tambor de Crioula Raízes Africanas, e Artista plástica com produções nas linguagens de pinturas e desenho.

Tem participação em pesquisas de campo e produções intelectuais voltadas para os temas: da Cultura Popular Maranhense; História local e regional do Litoral Ocidental Maranhense e Desenvolvimento do Turismo. Atualmente está finalizando o curso de Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, a especialização em Atrativos turísticos Naturais pelo Instituto Federal da Paraíba-IFPB e o Mestrado em História pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.



A autora
Aricélia Cantanhêde Sales
@ar.cantanhede
ariceliacantanhede@gmail.com